



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

FLÁVIO LUIS GUEDES DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DO ALUNO DO CURSO DE
CONTABILIDADE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

JOÃO PESSOA
2018

FLÁVIO LUIS GUEDES DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DO ALUNO DE CONTABILIDADE EM
UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Monografia apresentada à Coordenação do Trabalho de Conclusão de Curso (CTCC), do Curso de Ciências Contábeis, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valdineide dos S. Araújo

JOÃO PESSOA
2018

S237a Santos, Flavio Luis Guedes Dos.

Uma análise do perfil empreendedor do aluno de contabilidade em uma instituição de ensino superior / Flavio Luis Guedes Dos Santos. - João Pessoa, 2018. 56 f. : il.

Orientação: Valdineide dos Santos Araújo.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Ciências Contábeis. Educação. Empreendedorismo. I. Araújo, Valdineide dos Santos. II. Título.

UFPB/BC

FOLHA DE APROVAÇÃO

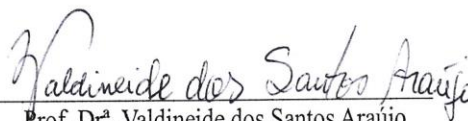
FLÁVIO LUIS GUEDES DOS SANTOS

UMA ANÁLISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DO ALUNO DE CONTABILIDADE EM
UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pelo Departamento de Finanças e Contabilidade da Universidade Federal da Paraíba.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 24 de outubro de 2018.

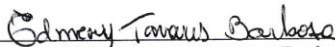
Banca Examinadora



Prof. Dr.ª Valdineide dos Santos Araújo
Orientadora - UFPB/CCSA/DFC



Prof. Dr. Robério Dantas de Franca
Examinador – UFPB/CCSA/DFC



Prof. Ms. Edmery Tavares Barbosa
Examinadora – UFPB/CCSA/DFC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os docentes e discentes que contribuíram direta ou indiretamente para meu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal durante esse período de quatro anos.

Agradeço a minha família e amigos que me apoiaram na decisão de iniciar mais um curso superior.

Agradeço a minha orientadora, professora Dr^a. Valdineide dos Santos Araújo, por apoiar e contribuir com o desenvolvimento desta monografia, assim como a todos os componentes da banca avaliadora e da disciplina de TCC pelas valiosas sugestões.

Gostaria de dizer que foi um prazer conhecer todas as pessoas que passaram por mim durante essa graduação e que cada um teve sua importância e contribuição para minha evolução, assim como espero que a recíproca também tenha sido verdadeira. Sucesso a todos!

RESUMO

O empreendedorismo é responsável pelo crescimento econômico de determinado local. Quando um indivíduo assume riscos em razão de uma possibilidade de prosperidade financeira, além de gerar prosperidade econômica para si, proporciona uma série de oportunidades de trabalho e sustento para várias pessoas dentro da atividade empresarial. Os escritórios de contabilidade tornam-se centros de empreendimento aliados aos demais empreendedores, possuindo um importante papel estratégico na relação “empresa-governo”, “empresa-sócios” e “empresa-funcionários”. A partir disto, levantou-se os fatores intrínsecos e extrínsecos de uma amostra de estudantes concluintes do curso de bacharelado em Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba que vislumbra ingressar na atividade empreendedora. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado em trinta e cinco questões, divididas em quatro blocos de questões. Os resultados demonstraram que os alunos não consideram que a estrutura curricular do curso, tampouco os estágios e atividades extracurriculares são suficientes para a formação de um profissional que pretenda possuir um escritório contábil, cabendo ao discente buscar fontes acessórias de conhecimento para que se aperfeiçoe e sinta-se capacitado para a atividade empreendedora empresarial.

Palavras-chaves: Ciências Contábeis. Educação. Empreendedorismo.

ABSTRACT

Entrepreneurship provides economic development of specific areas. When a person takes on risks due to a possibility of a financial prosperity, besides generating a financial prosperity to someone, it generates a serie of opportunities of job and to sustain many people that work in this business activity. Accounting offices become business centers allied to others entrepreneurs and it has been an important strategic role in the relationship between “business and government”, “business and partners” and “business and employees”. From this scenario, this paper searched which intrinsic and extrinsic factors influence in the entrepreneurial profile in a sample of concluding undergraduate students at the Accounting Course from Universidade Federal da Paraíba who intend to join in business accounting activity and to know the reasons for this decision. It was used a questionnaire containing thirty-five questions, being divided in four perception sections. The results have showed that undergraduate students have did not consider enough the curricular structure of the course, in the same way professional internships and others extracurricular activities to be an able entrepreneurs worker. Thefore, it is necessary that these students obtain others sources of knowledge to feel able to work in business entrepreneurship activity.

Keywords: Accounting. Education. Entrepreneurship.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação de gênero da amostra estudada.....	26
Gráfico 2 - Naturalidade dos participantes da pesquisa.....	27
Gráfico 3 - Distribuição da faixa etária da amostra analisada.....	28
Gráfico 4 - Nível de educação da amostra estudada.....	28
Gráfico 5 – Situação de trabalho da amostra estudada.....	29
Gráfico 6 – Estado civil da amostra.....	29
Gráfico 7 – Composição familiar da amostra.....	30
Gráfico 8 – Renda familiar da amostra.....	30
Gráfico 9 – Crença religiosa da amostra.....	31
Gráfico 10 – Cor/raça da amostra.....	32
Gráfico 11 – Proporção de alunos que possuem familiares com escritório contábil.....	35
Gráfico 12 – Proporção de alunos que possuem familiares com empresas fora da área contábil.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de empreendedor.....	15
Quadro 2 – Intensidade da atividade empreendedora segundo estratos sociais brasileiros.....	19
Quadro 3 – Grade curricular Resolução N° 46/2006, CONSEPE.....	21
Quadro 4 - Análise da média ponderada dos dados.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bloco B – Percepções do Curso de Ciências Contábeis.....	33
Tabela 2 – Bloco C – Percepções do Mercado de Trabalho.....	36
Tabela 3 – Bloco D – Autopercepção de Perfil Empreendedor.....	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Objetivos.....	11
1.1.1 Objetivos geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
1.2 Justificativa.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Abordagem sobre empreendedorismo.....	14
2.2 Estudos anteriores relacionados ao perfil empreendedor.....	17
2.3 A estrutura curricular do bacharelado em ciências contábeis.....	20
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 Área de estudo.....	23
3.2 População e amostra.....	23
3.3 Técnica de coleta de dados e análise.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1 Informações sociodemográficas.....	26
4.2 Percepções do curso de ciências contábeis.....	32
4.3 Percepções do mercado de trabalho.....	35
4.4 Autopercepção de perfil de empreendedorismo.....	37
5 CONCLUSÕES.....	40
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO A – ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS.....	50
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	52
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....	53

1 INTRODUÇÃO

O termo “empreendedor” possui origem na língua francesa, derivado da palavra “*entrepreneur*”, significando “agente que intermedeia” ou “intermediário” (HISRICH, 1986). Logo, o empreendedor é um agente transformador do seu meio, sendo responsável por agregar valor a algo novo, através do seu trabalho, incorporando riscos financeiros, psicológicos e sociais em troca de retorno financeiro e realização pessoal (HISRICH, 1986, HISRICH *et. al.*, 2004).

O empreendedorismo é responsável pelo crescimento econômico de determinado local. Quando um indivíduo assume riscos em razão de uma possibilidade de prosperidade financeira, além de gerar prosperidade econômica para si, proporciona uma série de oportunidades de trabalho e sustento para várias pessoas dentro da atividade empresarial. Portanto, empreender deve ser considerado, acima de tudo, como uma fonte de desenvolvimento de larga amplitude pessoal, social e ambiental, com riscos compensados pelo lucro e efetividade da organização (HASHIMOTO, 2013; HISRICH, 2004; SALGADO, 2013).

O jovem é o segmento mais displicentemente olhado pela sociedade, uma vez que não existe política pública efetiva capaz de engajá-lo na sociedade (RICCA, 2004). Devido a este descaso paradoxal do mercado, em que é exigido conhecimento, baixa idade e, apesar disto, experiência, o jovem enxerga o empreendedorismo como uma oportunidade de crescimento socioeconômico, mediante a gestão de sua própria carreira (MARTENS, 2006; SALGADO, 2013).

Diante deste cenário adverso, o jovem empreendedor ganha cada vez mais espaço na atividade econômica. Neste ínterim, surge o jovem contador recém-formado, que, saindo da universidade, depara-se com um mercado sem oportunidades para quem não tem experiência, mas repleto de nichos a serem explorados para quem deseja empreender na área contábil (ROSA, 2017; SABRA *et. al.*, 2018).

Os escritórios de contabilidade tornam-se centros de empreendimento aliados aos demais empreendedores, possuindo um importante papel estratégico na relação “empresa-governo”, “empresa-sócios” e “empresa-funcionários”. Através do serviço de assessoria contábil, as finanças empresariais podem ser geridas sob um aspecto profissional e estratégico na tomada de decisões, seja na área de gestão de custos, de gestão financeira, de gestão de risco, ou outras. Portanto, a atuação que o escritório contábil apresenta no mercado ultrapassa

o conceito de mero “gestor documental”, sendo uma base de grande valia estratégica no macroambiente empresarial (KOYAMA *et al.*, 2010).

A composição das competências do perfil empreendedor é um resgate histórico de suas experiências e do seu conhecimento (FRESE, 2010; LIMA e LEITE-FILHO, 2008). As teorias da personalidade descrevem fatores intrínsecos relacionados à formação da personalidade, como as características inatas de base psicobiológica hereditária do indivíduo e as características que se formam diante das experiências, percepção e cognição dos eventos nos cenários em que participa ou observa, que seriam os fatores extrínsecos responsáveis pela constituição do perfil psicológico do indivíduo (HANSENNE, 2003).

A partir disto, procurou-se, com o estudo em questão, responder a seguinte pergunta, com relação ao ambiente analisado: **Quais os fatores intrínsecos e extrínsecos estão relacionados ao perfil empreendedor dos estudantes egressos e concluintes do curso de bacharelado em Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba?**

1.1 Objetivos

Neste capítulo, foi exposto o objetivo central do trabalho, assim como os objetivos específicos, complementando esta finalidade.

1.1.1 Objetivo geral

Levantar o perfil empreendedor dos alunos concluintes do curso de bacharelado em Ciências Contábeis de uma Instituição Pública de Ensino Superior que vislumbra ingressar na atividade empreendedora e o que os levaram a esta decisão.

1.1.2 Objetivos Específicos

Além do objetivo geral, ressaltam-se alguns objetivos específicos que complementaram os resultados almejados com este trabalho. São eles:

- a) Entender como o concluinte do curso de Ciências Contábeis percebe o empreendedorismo;
- b) Compreender como o recém-formado e o estudante concluinte do curso de Ciências Contábeis encara a figura do sócio e dos funcionários na atividade empreendedora;

- c) Conhecer os motivos intrínsecos e extrínsecos que levam os concluintes do curso de Ciências Contábeis a empreender na área de estudo;

1.2 Justificativa

O mercado de trabalho paraibano é basicamente formado pelo comércio e serviços, correspondendo a 39,83% do Produto Interno Bruto do Estado, com aproximadamente 90% do ambiente empresarial formado por estes segmentos. A Administração Pública é responsável pela segunda maior parcela do Produto Interno do Estado, com aproximadamente 33% desta composição. A cidade é conhecida por não possuir grandes conglomerados de atividade empresarial, sendo formada, em geral, por médias e pequenas empresas, sendo muitas com histórico familiar (SEBRAE, 2015).

Diante deste perfil de mercado, o jovem graduado depara-se com um verdadeiro desafio em busca da primeira oportunidade de emprego (RICCA, 2004). Uma parte desta jovem mão-de-obra migra para os grandes centros comerciais, em busca de oportunidades desafiadoras de emprego em multinacionais e grandes empresas (CARDOSO, 2002). Outra parte acaba optando pelas oportunidades da Administração Pública e torna-se servidor ou empregado público.

Portanto, uma pequena parcela que insiste em ficar na cidade encara a abertura de uma empresa como uma possibilidade, entrando no mercado inicialmente como autônomo informal e, mediante a criação de uma carteira sólida de clientes, torna-se um empresário formal, abrindo sua própria empresa legalizada. Esta pesquisa foca neste último público com relação ao recém-formado do curso de bacharelado em Ciência Contábeis, da Universidade Federal da Paraíba, uma vez que, de acordo com levantamento de informações do Conselho Federal de Contabilidade (2015), a proporção de escritórios de contabilidade registrados na área deste estudo ainda é baixa em relação ao tamanho da cidade e a outros centros similares.

Como mencionam Borges *et. al.* (2008), “existe uma baixa quantidade de trabalhos científicos voltados para o jovem empreendedor, sugerindo que o tema seja expandido para uma melhor compreensão deste fenômeno”. Com base no levantamento do perfil deste jovem profissional, assim como entendendo suas percepções, desejos e anseios, pretendeu-se saber o que leva e o que não leva este público a ingressar na atividade empreendedora contábil, de modo a mapear estes aspectos objetivos e subjetivos diante das oportunidades do mercado local. Aliado ao fato do baixo crescimento da atividade empreendedora em serviços financeiros no estado da Paraíba (IBGE, 2013), assim como seguindo as recomendações de

Araújo *et, al.* (2015), acreditou-se que a pesquisa foi oportuna e contribuirá com o avanço do conhecimento científico na área em questão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico serão apresentados a teoria de base para a fundamentação do presente estudo, iniciando-se com uma abordagem conceitual e ideias sobre empreendedorismo, segundo, levantou-se a teoria a respeito da grade curricular do curso de Ciências Contábeis.

2.1 Abordagem sobre empreendedorismo

O tema “*empreendedorismo*” é amplamente estudado, havendo diversos trabalhos publicados a respeito da motivação e do perfil dos indivíduos que decidem trabalhar para si mesmos e, assim, gerar valor, renda e empregos. A palavra “*empreendedor*” já é bastante conhecida, e tem uma variedade de sentidos e alguns autores conceituam seu significado. Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades (DORNELAS, 2008).

De acordo com Schumpeter (1982), o perfil empreendedor deve ser associado à inovação, ou seja, um autor que trabalha visando à criação de um novo mercado, produto, serviço ou uma metodologia de produção. Já para McClelland (1987), um profissional empreendedor precisa possuir dez características: 1) Busca de oportunidades e espírito de iniciativa; 2) Persistência; 3) Comprometimento; 4) Exigências de qualidade e eficiência; 5) Disposição para correr riscos calculados; 6) Estipulação de metas; 7) Obtenção de informações; 8) Planejamento e monitoramento sistemáticos; 9) Formação de *Networking* e influência sobre a rede de contatos; 10) Independência e autoconfiança.

Para Hirsch e Peters (2004), o empreendedorismo é o processo de criar algo novo com o valor, dedicando o esforço e o tempo necessários, assumindo riscos sociais, psíquicos e financeiros correspondentes e recebendo as recompensas consequentes da independência e satisfação econômica e pessoal. É o processo dinâmico de criar mais riqueza. A riqueza é criada por indivíduos, que assumem os principais riscos, em termos de patrimônio, comprometimento e tempo com a carreira.

Um indivíduo empreendedor deve possuir características que impulsionem a atitude com a melhor tomada de decisão. Este deve ser planejador, autoeficaz, assumir riscos calculados, ser capaz de detectar oportunidades, persistente, sociável, inovador e líder (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009).

Borges *et. al.* (2008), estudando jovens empreendedores e o processo de criação de empresas, sugerem as seguintes diretrizes para quem é jovem e pretende ingressar no campo do empreendedorismo:

- a) Primeira – é preciso recorrer, desde o início do processo de criação, ao apoio de pessoas com experiência na criação e gestão de empresas. Recomendamos em especial a utilização de mentores e a criação de um conselho de administração;
- b) Segunda – eles podem se preparar para uma atuação polivalente, em várias áreas da empresa. É fundamental adquirir conhecimentos e experiências nas diferentes áreas da administração, se possível antes do início da criação da empresa e em contexto de pequena empresa;
- c) Terceira – é referente ao tempo do processo de criação. Os jovens devem se preparar para um processo que é longo e pode necessitar de mais de dois anos até chegar ao ponto de equilíbrio financeiro. Eles devem, assim, mobilizar os recursos financeiros necessários e ser perseverantes;
- d) Quarta – finalmente, é importante que os jovens procurem conhecer bem o mercado em que pretendam atuar e, desde o começo do processo de criação, interagir com clientes em potencial. Essa interação pode alimentar os jovens com informações vindas diretamente de possíveis compradores ou consumidores dos produtos que pretendem comercializar.

Desde sua concepção, as instituições de ensino sempre estiveram preocupadas em formar excelentes profissionais voltados para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade. A partir da década de 80, com o aumento da falta de empregos no Brasil, a comunidade acadêmica percebeu a necessidade de mobilizar esforços com foco no empreendedorismo, sobretudo na formação de um profissional multidisciplinar, capaz de produzir produtos e serviços com qualidade, alinhando o conhecimento recebido nas universidades com o perfil dos indivíduos, em função da relação de demanda e oferta no mercado de trabalho. Diante deste paradigma, era necessário transformar o conhecimento que estava na universidade em produto ou serviço (CUNHA; STEINER-NETO, 2005).

O empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um empreendimento para capitalizar, gerar resultados ou agregar valor social, mediante riscos calculados e reduzidos (DORNELAS, 2008). Ainda, conforme Dornelas (2005), não existe um único tipo de empreendedor ou modelo-padrão, sendo difícil rotulá-lo. Esse fato mostra que se tornar empreendedor é algo que pode acontecer a qualquer pessoa. Desta forma, o autor sugere sete tipos de empreendedores, conforme segue no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de empreendedor

Tipo de Empreendedor	Características
Empreendedor nato	A pessoa nasce com um talento natural para o ato de empreender, seja no ramo empresarial, profissional, ou no cotidiano em atividades paralelas. O indivíduo possui traços propícios de uma personalidade empreendedora e consegue filtrar e aplicar o conhecimento necessário para atingir seus objetivos

	com naturalidade.
Empreendedor aprendiz	Aquele que, por imperícia, insegurança, faixa etária reduzida, ou percepção da constante mudança do cenário em que vive, busca, ininterruptamente, conhecimento teórico e prático de modo a melhorar seus objetivos, potencializar seus resultados e reduzir seus riscos.
Empreendedor serial	É o indivíduo que opta por empreender/investir sequencialmente de várias formas e em várias áreas, que se motiva, sobretudo, a diversificar o ato de empreender e seus empreendimentos, de modo a adquirir experiência e reduzir seu risco.
Empreendedor corporativo	Também conhecido como empreendedor interno. É o funcionário de uma organização que busca inovar em novas formas de produtos, serviços, processos, entre outras, de modo a agregar valor para a entidade da qual faz parte como colaborador.
Empreendedor social	É o empreendedor que canaliza a inovação, os recursos e os esforços para cenários de cunho assistencial para a sociedade, ambiental e do terceiro setor em geral.
Empreendedor por necessidade	Aquele que, diante da falta de oportunidade de emprego na iniciativa privada ou pública, decide empreender em uma atividade empresarial, visando a garantir renda pela receita de seus produtos ou serviços, garantindo seu sustento financeiro e de sua família.
Empreendedor herdeiro	Como o próprio nome indica, é aquele que nasce em um ambiente propício para empreender e recebe a oportunidade de empreender e ser dono do seu próprio negócio de seus parentes. De forma geral, estes indivíduos possuem maiores chances de receber todo o suporte necessário de seus mentores para se desenvolver enquanto empreendedor.

Fonte: Dornelas (2005).

A psicologia voltada para a área do empreendedorismo recebe considerável atenção dos estudiosos do tema acerca do levantamento e do reconhecimento dos fatores intrínsecos que levam os indivíduos a empreender e obterem sucesso.

Caetano *et. al.* (2012) relatam que o empreendedor deve possuir competências de gestão, competências psicológicas e competências sociais embasando as suas motivações no reconhecimento das oportunidades, na tomada de decisão e na mobilização em suas ações para dirimir os riscos do fracasso e alcançar uma maior probabilidade de sucesso.

Frese (2010), em seu estudo sobre a psicologia do empreendedorismo, sugere programas de intervenção entre empreendedores, através da teoria da ação, baseando-se em fatores cognitivos para o desempenho ativo de suas ações, em uma abordagem proativa e orientada para metas. Variáveis intrínsecas, como personalidade e capital humano estariam intimamente ligadas à performance ativa das características de um empreendedor, assim como

variáveis extrínsecas do micro e macroambiente que estariam também influenciando este sistema que levaria ao sucesso do profissional.

A psicanálise sugere que o ato de empreender torna-se uma ação recorrente de modelos e conteúdos vivenciados na infância do indivíduo e que são resgatados na fase adulta, de modo que o empreendedor intencionalmente e inconscientemente se depara com seus desafios e conflitos originais de medo, de submissão e de autoridade que não foram ainda resolvidos e são postos à tona pela natureza psicológica do empreendedor diante de seu desafio de empreender, coordenar, delegar e liderar. Este acúmulo de conflitos pessoais e profissionais surge como uma oportunidade de superação interna e autoafirmação perante seu ego e a sociedade (LOGEN, 1997; MARTUSCELLO, 1992 *apud* LIMA e LEITE-FILHO, 2008). Por fim, conclui-se que entender o empreendedorismo, do ponto de vista da psicanálise, seria fazer uma ‘arqueologia dos estratos mentais do empreendedor’ (LIMA; LEITE-FILHO, 2008).

2.2 Estudos anteriores relacionados ao perfil empreendedor

Para Sartorelli e Carvalho (2009), ao lidar com pessoas, a liderança torna-se preponderante no ato de influenciar e estimular a equipe na delegação das atividades para o alcance dos objetivos, sendo uma das características-chaves que envolvem a postura comportamental de um empreendedor. A literatura descreve como principais estilos de liderança (CHIAVENATO, 2003; SOBRAL, 2008):

- a) Liderança autocrática: o líder domina as tomadas de decisão na execução dos processos, sem permitir a participação da equipe, muitas vezes, criando um clima organizacional de tensão entre os participantes pela imprevisibilidade causada;
- b) Liderança democrática: o líder permite a participação do grupo e incentiva o “empoderamento” dos participantes nas decisões e execução dos processos. O debate é estimulado e a divisão de tarefas é debatida entre todos de forma assertiva;
- c) Liderança liberal: o líder oferece à sua equipe completa liberdade para a tomada de decisão, seja individual, seja em grupo, participando das ações apenas quando requisitado, agindo como um mediador ou facilitador e impulsionando a criatividade do grupo;

Tannebaum e Schmidt (1986), através de seus estudos, elaboraram um gráfico, conhecido como “*continuum* de padrões de liderança”, indicando um conjunto de

comportamentos em função do grau de autoridade ou de liberdade utilizado pelo líder, conforme o perfil do indivíduo ou do grupo liderado.

O empreendedorismo é um tema amplamente estudado e debatido. Vários autores possuem entendimentos conceituais a seu respeito e dos traços e nuances que compõem o perfil empreendedor. Gómez-Araujo e Bayon (2017) afirmaram em seu estudo sobre fatores socioculturais dos jovens na região rural da Espanha que a probabilidade de ser um empreendedor ativo não difere entre indivíduos novos e mais velhos, seja da região rural ou urbana. No entanto, foi verificado que o medo de fracassar no empreendedorismo para os jovens indivíduos da região rural é muito maior do que para o resto da população. Este fator intrínseco do emocional humano possui grande importância no sucesso do empreendedorismo.

Fatores da inteligência emocional, como o bem-estar e a sociabilidade possuem uma correlação positiva relevante com o comportamento proativo em sociedade, contribuindo para o sucesso nas relações de negócio (TORRES-CORONAS; VIDAL-BLASCO, 2017).

Souza *et al.* (2013), ao analisar o perfil psicológico dos proprietários de escritórios de contabilidade da cidade de São João del-Rei – MG, procurou identificar dez características apontadas por McClelland (1987) como competências essenciais de todo empreendedor. Mediante aplicação de questionário, verificou que este público-alvo não possuía um comportamento empreendedor de acordo com os critérios estabelecidos e ressaltava que estes profissionais deveriam ter lucros mais significativos do que o apresentado, partindo do pressuposto de que o profissional contábil possui condições privilegiadas de educação acadêmica na área de gestão e empreendedorismo.

Também possuindo uma visão negativa do mercado empreendedor contábil, Sabra *et al.* (2018) afirmam que a maioria dos contadores, donos de empresas de contabilidade, não estão preparados para atender micro e pequenas empresas em potencial, indo em oposição ao que o empreendedorismo na contabilidade busca alcançar: qualificação, excelência e eficiência na prestação dos serviços contábeis.

A cultura empreendedora traz grande ênfase nos discursos midiáticos direcionados à juventude. Salgado (2013), ao realizar uma análise comparativa entre duas séries televisadas orientadas para o público jovem em épocas diferentes, analisou as retóricas que promovem o empreendedorismo juvenil como solução para o desemprego e um meio para o sucesso pessoal. Salgado (2013) diz que “tais discursos, ao evidenciar e saudar práticas juvenis empreendedoras, naturalizam a transferência de responsabilidade - de nível institucional a nível individual - pelo acesso às oportunidades de emprego e realização profissional”.

A motivação do empreendedor é um dos fatores intrínsecos mais estudados por pesquisadores da área. Historicamente, a proporção entre as pessoas que decidiam empreender por necessidade em função da falta de opção de carreira e aqueles que empreendiam porque identificavam uma oportunidade de negócio era muito similar. A partir do ano de 2007, esta relação seguiu uma maior tendência para o empreendedorismo por oportunidade. No ano de 2009, para cada empreendedor por necessidade, quase o dobro de indivíduos empreendia por oportunidade (HASHIMOTO, 2013).

Conforme descreveu Martens e Freitas (2006), com relação às expectativas dos alunos no aprendizado do empreendedorismo no Ensino Superior, 63% da amostra estudada, entre os anos de 2003 e 2004, tinham como expectativa no aprendizado “como identificar oportunidades” e 44% das respostas indicaram como principal expectativa “como planejar seu negócio”. Os autores descobriram que 52,3% da amostra estudada declararam que a disciplina de empreendedorismo era fundamental para sua formação, tendo preferência em obter o conhecimento na disciplina através da experiência de terceiros e atividades práticas.

De acordo com o estudo realizado pelo SEBRAE (2017) sobre o empreendedorismo no Brasil, foi analisado a intensidade da atividade empreendedora de acordo com estratos da população no estágio inicial e no estágio estabelecido da atividade empreendedora, demonstrando-se conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Intensidade da atividade empreendedora segundo estratos sociais brasileiros.

Estratos da população que se destacam pelos níveis mais altos de atividade empreendedora em <u>estágio inicial</u>	Estratos da população que se destacam pelos níveis mais altos de atividade empreendedora em <u>estágio estabelecido</u>
Mínima diferença entre homens e mulheres, ligeira prevalência do empreendedorismo feminino.	Os homens são mais ativos que as mulheres.
Os mais ativos são os indivíduos de 25 a 34 anos. Os menos ativos encontram-se na faixa de 55 a 64 anos.	Indivíduos na faixa etária de 45 a 54 anos são os mais ativos. Na faixa dos 18 a 24 anos encontram-se os menos ativos.
Os mais ativos são aqueles que possuem apenas o ensino fundamental completo. Os menos ativos possuem o ensino superior completo.	Os mais ativos são aqueles que possuem o ensino fundamental incompleto. Os menos ativos possuem o ensino fundamental completo.
Indivíduos na faixa de renda de até um salário mínimo são os mais ativos. Os indivíduos com renda superior a seis salários mínimos, os menos ativos.	Indivíduos na faixa de renda superior a seis salários mínimos são os mais ativos. Aqueles com renda de até um salário mínimo são os menos ativos.

Fonte: SEBRAE (2017).

Apesar de receber uma capacitação profissional mais adequada para a atividade empreendedora (SOUZA *et. al.*, 2013), verificou-se que os indivíduos com ensino superior completo foram os que menos se destacaram em níveis mais altos de atividade empreendedora em estágio inicial (SEBRAE, 2017). Conforme Quadro 2, também se verificou que os indivíduos com a faixa etária de 18 a 24 anos foram os menos ativos no estágio estabelecido

da atividade empreendedora, indicando um menor sucesso entre os mais jovens (SEBRAE, 2017).

2.3 A estrutura curricular do bacharelado em ciências contábeis

O curso de bacharelado em Ciências Contábeis foi criado no Brasil pelo Decreto-Lei N° 7.988/45. Em seguida, através do Decreto-Lei N° 9.295/46, surgiu o Conselho Federal de Contabilidade com a função de regular a profissão, o profissional e oferecer maior adequação e segurança ao mercado de trabalho.

A graduação em Ciências Contábeis permite ao estudante uma série de oportunidades para seguir na carreira, podendo atuar na área de Auditoria, Serviço Público, Controladoria, Docência e, objetivamente, ser dono de um escritório contábil, onde este futuro profissional prestará serviços para empresas, ou seja, assessorando, informando e gerando informações para o usuário.

O Bacharelado em Ciências Contábeis no Brasil possui 50% dos conteúdos presentes em sua estrutura curricular definidos pela Resolução CNE/CES nº. 10/2004, sendo o restante determinado pela instituição que o oferece (RICARDO, 2014). O Projeto Pedagógico (PP) de um curso de graduação é o instrumento balizador da missão universitária e, por consequência, expressa em seu conteúdo a prática pedagógica das instituições e dos cursos, ofertando diretrizes à gestão e às atividades educacionais (BAFFI, 2003).

Os currículos oferecidos pelos cursos de Graduação em Ciências Contábeis são compostos por disciplinas básicas e complementares, que buscam proporcionar ao concluinte egresso o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao Bacharel em Ciências Contábeis, para que este futuro profissional possa ser crítico, empreendedor e objetivo, assim, tornando-se capaz de atuar em sua máxima forma (KOYAMA *et al.*, 2010).

Os conteúdos que devem ser abordados no curso de Ciências Contábeis são:

I – conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística; II – conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo as noções das atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao setor público e privado; III – conteúdos de Formação Teórico-Prática: Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade (BRASIL, 2004).

O curso de Ciências Contábeis na Paraíba surgiu através da Resolução N° 30, de 30 de outubro de 1953, da Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba, sendo reconhecido pelo MEC, através do Decreto-Lei N° 48.754, de 11 de agosto de 1960 e, por fim, integrado à Universidade Federal da Paraíba pela Lei de Federalização N° 3.835, de 13 de dezembro de 1960 (FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA PARAÍBA, 1953; BRASIL, 1960; UFPB, 2018).

No início do curso, o cronograma de disciplinas era disposto ao longo de três anos de graduação, com quinze disciplinas, assim como previa o art. 4° da Lei N° 1.401, de 31 de junho de 1951 (BRASIL, 1951; UFPB, 2018). A partir de 1974, com a Resolução N° 17 do CONSEPE, a duração do curso de Ciências Contábeis da UFPB passou a ter a duração mínima de duas mil e setecentas horas, distribuídas entre disciplinas do currículo mínimo (1.545h), complementares obrigatórias (810h) e optativas (345h), sendo concluídas em, no mínimo, três anos e meio letivos e, no máximo, oito anos letivos (UFPB, 2018).

A Resolução N° 046/2006 do curso de Bacharelado em Ciências Contábeis da UFPB, *Campus I* (Quadro 3), entrou em vigor a partir do período 2006.1, contemplando uma carga horária total de 2.880h, com no mínimo duzentas e quarenta horas (240h) de disciplinas optativas (UFPB, 2018).

Quadro 3 – Grade curricular Resolução N° 46/2006, CONSEPE.

Conteúdos Curriculares	Crédito	C/H	%
1 Conteúdos Básicos Profissionais			
1.1 Conteúdos Básicos Profissionais	96	1.440	
1.2 Estágios Supervisionados	32	480	
Total	128	1.920	66,67
2 Conteúdos Complementares			
2.1 Conteúdos Complementares Obrigatórios	44	660	
2.2 Conteúdos Complementares Optativos	16	240	
2.3 Conteúdos Complementares Flexíveis	04	60	
Total	64	96	33,33
Total	192	2.880	100

Fonte: UFPB (2018).

Dentre as disciplinas voltadas para o campo do conhecimento empreendedor, destacam-se as disciplinas de Laboratório Contábil I, Laboratório Contábil II entre os conteúdos básicos profissionais do currículo e as disciplinas de Chefia e Liderança, Consultoria em Contabilidade e Administração Mercadológica entre os conteúdos complementares optativos (ANEXO A).

Além das disciplinas da estrutura curricular do curso, a Empresa Júnior de Contabilidade da UFPB (EJR Contábilis) surge como alternativa complementar de ensino dentro da Instituição, como forma do estudante ter acesso ao aprendizado da rotina de um escritório contábil, atuando nas mais diversas áreas técnicas e desenvolvendo competências, habilidades e atitudes na área empreendedora (SILVA, 2013).

De acordo com o Sebrae (2015), 89,1% das Instituições de Ensino Superior analisados (de um total de 46 instituições em 11 estados) recebem palestrantes convidados para debater sobre o tema “empreendedorismo” e 43,5% promovem visitas a pequenos negócios. Contudo, apenas 38,1% dos universitários brasileiros empreendedores em potencial concordam com a afirmação “gasto tempo aprendendo a iniciar um novo negócio” e 24,4% dos estudantes relatam que estão economizando dinheiro para começar um negócio.

3 METODOLOGIA

Para Deslandes (1999), “a metodologia compreende não só a fase de exploração de campo, como abrange a definição de instrumentos e os procedimentos analíticos dos dados”. A pesquisa em questão possuiu cunho descritivo, de caráter quantitativo e qualitativo, tentando entender o evento de estudo, na busca pelo desenvolvimento de teorias genéricas e abrangentes a respeito do tema pesquisado. A pesquisa descritiva possibilita descrever de forma detalhada as características de uma população, amostra ou fenômeno, dentro do escopo do problema abordado (GIL, 1995), propondo relações entre as variáveis existentes que sejam mais significativas, através da tabulação e padronização dos dados levantados (YU, 2011).

O papel da pesquisa descritiva consiste no levantamento dos atributos da amostra estudada de maneira imparcial. A técnica de pesquisa pretendeu analisar, em uma perspectiva correlativa, os elementos, *inputs*, *outputs* e o *feedback* encontrados dentro do cenário analisado, de modo a reconhecer um modelo-padrão sem especificar relação de causalidade (GIL, 1995; CHIAVENATO, 2003). Este objetivo teve a finalidade de obter um maior controle da realidade de um sistema intangível intelectual de transformação educacional do estágio de aprendiz para o estágio de profissional legalizado (AAKER *et al.*, 2004; KOYAMA *et al.*, 2010).

3.1 Área de estudo

A área de estudo foi em uma Instituição de Ensino Superior pública, denominada Universidade Federal da Paraíba, *Campus I*. O órgão público fica situado no bairro do Castelo Branco, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, Brasil.

3.2 População da amostra

A amostra estudada compreendeu os alunos egressos (2017.2) e concluintes (2018.1) do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis, dos turnos matutino e noturno, da Universidade Federal da Paraíba, *Campus I*, que cursaram o currículo implementado pela Resolução N° 46/2006 da CONSEPE.

Coletou-se uma amostra de trinta (30) questionários entre uma população total de sessenta e um (61) egressos do curso, do turno matutino e noturno (Lista de formandos do período 2017.2, fornecida pela Coordenação do Curso de Ciências Contábeis da UFPB). Entre

os alunos concluintes do período 2018.1, foi coletada uma amostra de quarenta e três (43) questionários para uma população de noventa e um (91) alunos das turmas do período matutino e noturno (dados obtidos em 23/07/2018 pela Coordenação do Curso de Ciências Contábeis da UFPB). No total, foi recebida uma amostra de setenta e três (73) questionários respondidos para uma população de cento e cinquenta e dois (152) estudantes, correspondendo 48,02% do universo estudado.

3.3 Técnica de coleta de dados e análise

Para a coleta de dados primários, adotou-se a aplicação de questionário estruturado, com o contato individual, coletivo (RICHARDSON, 1999), ou, ainda, virtual, mediante o uso de questionário *online*.

O questionário foi elaborado e adaptado, baseando-se nas pesquisas relacionadas (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009; ARAUJO *et. al.*, 2015), sendo dividido em quatro blocos, contendo **trinta e cinco questões no total**. Os blocos foram divididos em Blocos A, B, C e D. Nestes blocos, foram analisadas informações concernentes ao perfil sociodemográfico (Bloco A), opinião sobre o curso de Ciências Contábeis em função da iniciativa empreendedora (Bloco B), percepções do mercado de trabalho (Bloco C) e autopercepção do perfil empreendedor (Bloco D).

A análise dos dados foi realizada mediante tabulação de dados em planilhas eletrônicas, correlacionando os resultados obtidos com os resultados de outras pesquisas similares. Os dados foram tabulados de modo a se obter o levantamento percentual das respostas (Bloco A) e o Ranking Médio (RM) das respostas dos Blocos B, C e D, sendo que as assertivas que atingiram RM menor que 3 foram consideradas em desacordo com a afirmativa, já as assertivas que atingiram RM um resultado maior que 3, foram consideradas como de acordo com a sentença (Quadro 4). Quanto mais o RM se aproximou de 3, mais as opiniões se aproximaram da neutralidade (MALHOTRA, 2001; OLIVEIRA, 2005 *apud* SANTOS, 2014).

Quadro 4 - Análise da média ponderada dos dados.

Questões	Frequência de sujeitos					RM
É necessária uma grande área de terra para entrar no negócio de sementes de soja?	1	2	3	4	5	
		3	2	1		2,7
Legenda: Média Ponderada: $(3 \times 2) + (2 \times 3) + (1 \times 4) = 16$ Logo, o Ranking Médio (RM) = $16 / (3+2+1) = 2,7$						

Fonte: Oliveira (2005) *apud* Santos (2014).

A coleta de dados ocorreu durante os meses de julho e agosto de 2018, sendo aplicado um questionário estruturado (APÊNDICE B) de forma presencial e/ou via formulário *online*. A aplicação do questionário *online* ocorreu mediante divulgação em redes sociais na internet (entre alunos do período 2017.2 e 2018.1) e a distribuição e coleta dos questionários impressos aconteceu diretamente com os alunos no ambiente de aula (alunos do período 2018.1), ou durante o evento da colação de grau que ocorreu no Auditório da Reitoria, da Universidade Federal da Paraíba (alunos egressos do período 2017.2).

Diante da aplicação do questionário, seja por via presencial ou virtual, procurou-se detalhar minuciosamente os procedimentos, esclarecendo o processo de coleta dos dados e sua análise. Para efeito de consenso legal, solicitou-se a anuência do colaborador na amostra de estudo, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

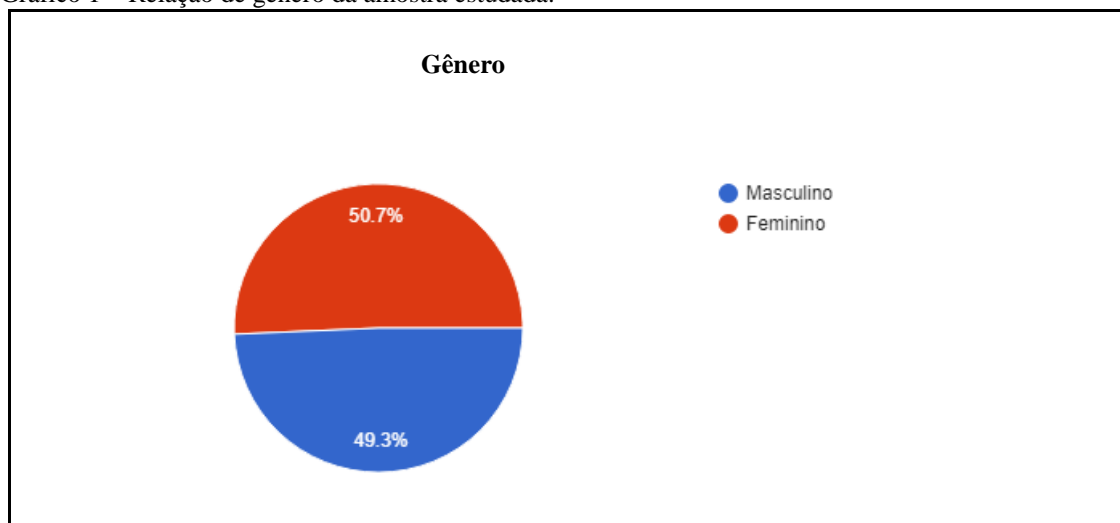
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, demonstraram-se os resultados encontrados na pesquisa, no que diz respeito às informações sociodemográficas, percepções do curso de Ciências Contábeis da UFPB, percepções do mercado de trabalho e autopercepções do perfil empreendedor entre a amostra estudada.

4.1 Informações sociodemográficas

Conforme observa-se no Gráfico 1, a amostra coletada foi relativamente proporcional entre estudantes do gênero masculino (49,3%) e estudantes do gênero feminino (50,7%), sendo este último com um leve aumento registrado. Paralelamente, em estudo similar, de acordo com a pesquisa de Araújo *et. al.* (2015), o perfil do aluno de Ciências Contábeis da UFPB constituiu-se, em sua maioria, pelo gênero masculino. Concordando com os resultados desta pesquisa, as mulheres apresentaram um discreto aumento entre os indivíduos com ensino superior completo no Brasil, chegando a representar 16,9%, sendo que, entre os homens, 13,5% apresentaram nível superior completo (GLOBO, 2012).

Gráfico 1 – Relação de gênero da amostra estudada.



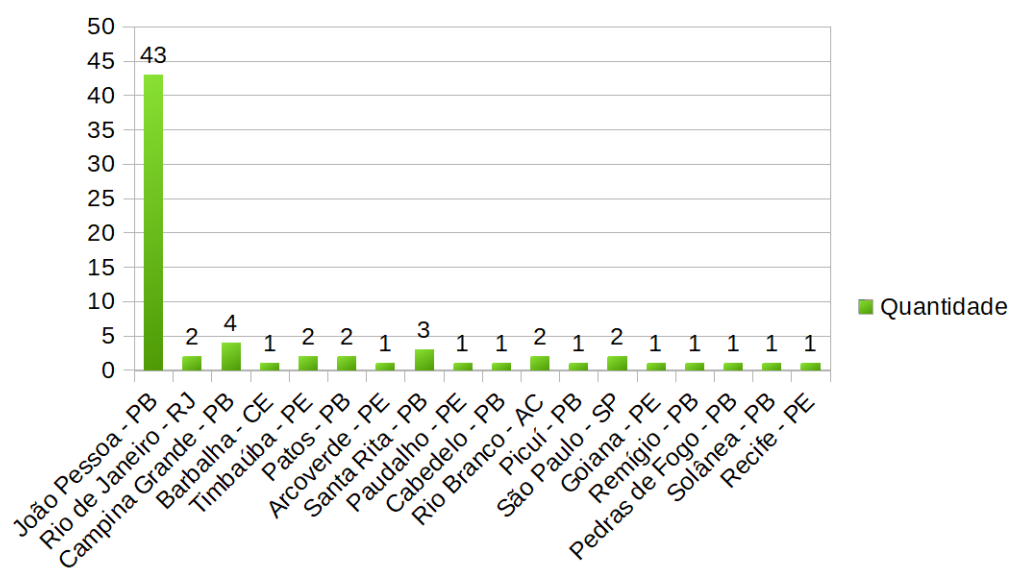
Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Constatou-se que os alunos são oriundos, em sua grande maioria, da cidade de João Pessoa, com 43 indivíduos (58,9%). De forma pontual, os demais alunos são de origem de outras cidades da Paraíba, Região Nordeste, Sudeste e Norte (Gráfico 2).

Uma pequena diversidade de estudantes de origem de outras cidades foi observada na amostra. Li (2016), em sua dissertação sobre a migração do aluno do ensino superior, relatou

que teve muitas dificuldades na identificação do comportamento migratório dos alunos motivados pelo ensino superior, assim como também percebeu uma grande restrição de dados e informações, uma vez que o Censo da Educação Superior iniciou o registro dos alunos por CPF (Cadastros de Pessoas Físicas) apenas no ano de 2009. Apesar das adversidades, sua pesquisa confirmou grande migração intraestadual, com ênfase para a importância da oferta do auxílio financeiro estudantil como impulsionador na democratização das oportunidades de acesso às vagas do ensino superior, independente das barreiras geográficas, assim observa-se uma correlação para a migração dos alunos das diferentes cidades e regiões no intuito de realizarem a graduação no *Campus I* da UFPB, conforme (Gráfico 2).

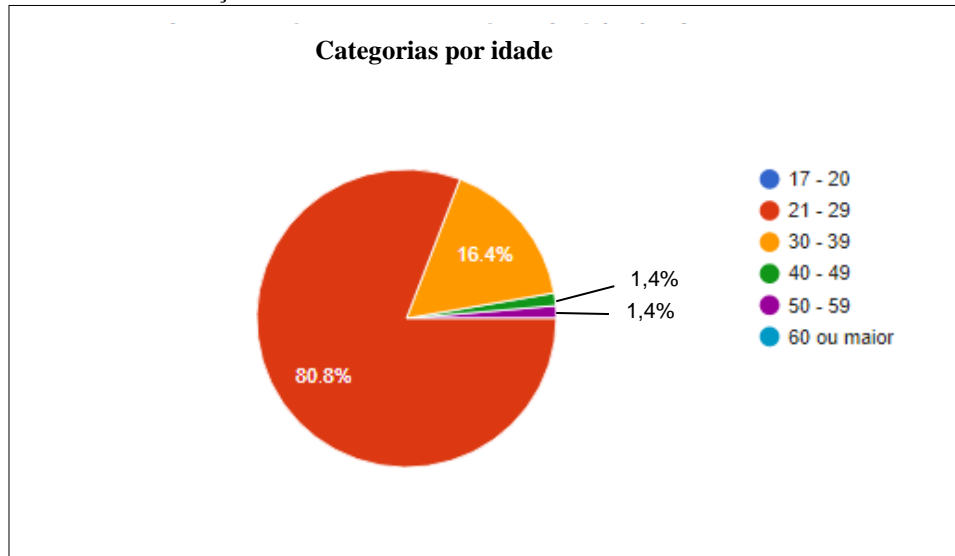
Gráfico 2 - Naturalidade dos participantes da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram bastante representativos no que tange à faixa etária entre 21 e 29 anos, alcançando 80,8%. A faixa etária entre 30 e 39 anos representou 16,4% (Gráfico 3). Segundo o IBGE (2016), 15,3% dos brasileiros com 25 anos ou mais concluíram o ensino superior, sendo que a Região Nordeste obteve a menor proporção de pessoas com ensino superior completo (9,9%), dentro desta faixa etária.

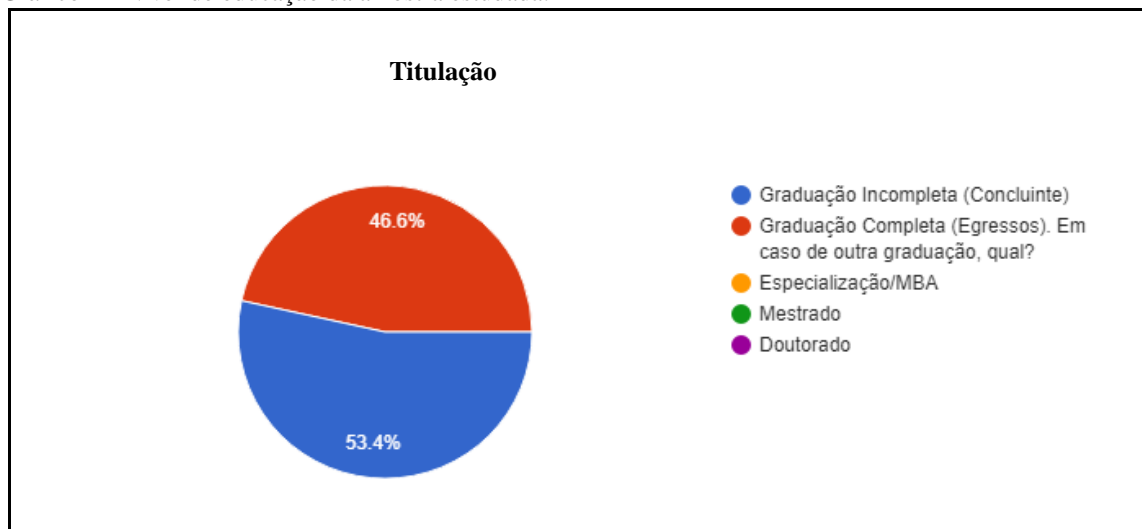
Gráfico 3 - Distribuição da faixa etária da amostra analisada.



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Quanto a titulação, perguntou-se aos alunos qual o nível de titulação acadêmica se encontravam no momento da pesquisa (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Nível de educação da amostra estudada.

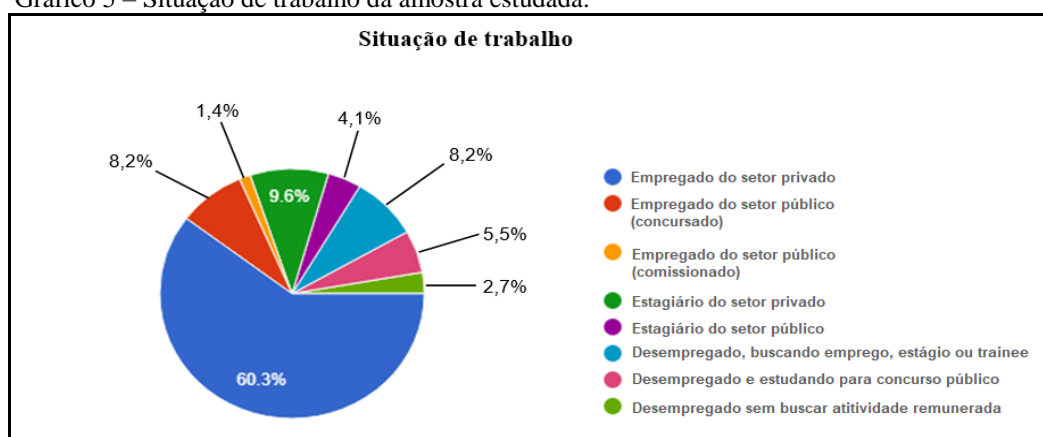


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

No total da amostra, constatou-se uma participação de 46,6% dos alunos do período 2017.2 (egressos) e 53,4% dos alunos do período 2018.1 (concluintes), conforme Gráfico 4. Considerou-se como “pessoas com graduação completa” os alunos egressos do período 2017.2. Contudo, verificou-se que, pontualmente, houve 5 pessoas (6,84%) já com outras graduações na amostra estudada dos alunos concluintes do período 2018.1, sendo estas: Administração, Gestão Financeira, Ciências da Computação e Matemática.

Com relação à situação de trabalho dos alunos, verificou-se que a maioria (60,3%) declarou ser funcionário da iniciativa privada. Em seguida, 16,4% declarou estar desempregado, seja em busca de emprego, estágio, trainee, estudando para concursos ou sem projetos profissionais. Por fim, uma menor parte (9,6%) declarou ser estagiário da iniciativa privada (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Situação de trabalho da amostra estudada.

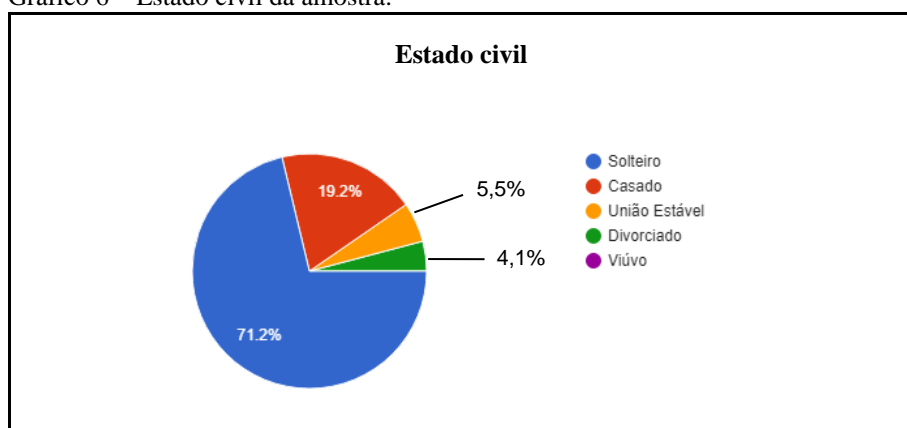


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

As informações anteriores coincidem com as pesquisas do IBGE (2010) *apud* GLOBO (2012), que apontaram que 10,8% dos universitários do Brasil estão cursando a segunda graduação, sendo a Região Sudeste com o maior percentual (12,7%) e a Região Sul com o menor percentual do País (8,8%). Observou-se ainda que esta característica apresenta uma correlação positiva crescente com a faixa etária, de modo que 3,9% dos universitários na segunda graduação possuem até 24 anos e 30,1% são acima de 40 anos. Ainda, confirmou-se que os alunos que optaram por uma segunda graduação são mais comuns entre aqueles estudantes já inseridos no mercado de trabalho (12,6%) em relação aos estudantes profissionalmente desocupados (7,2%).

No gráfico 6, apresenta-se o estado civil dos entrevistados.

Gráfico 6 – Estado civil da amostra.

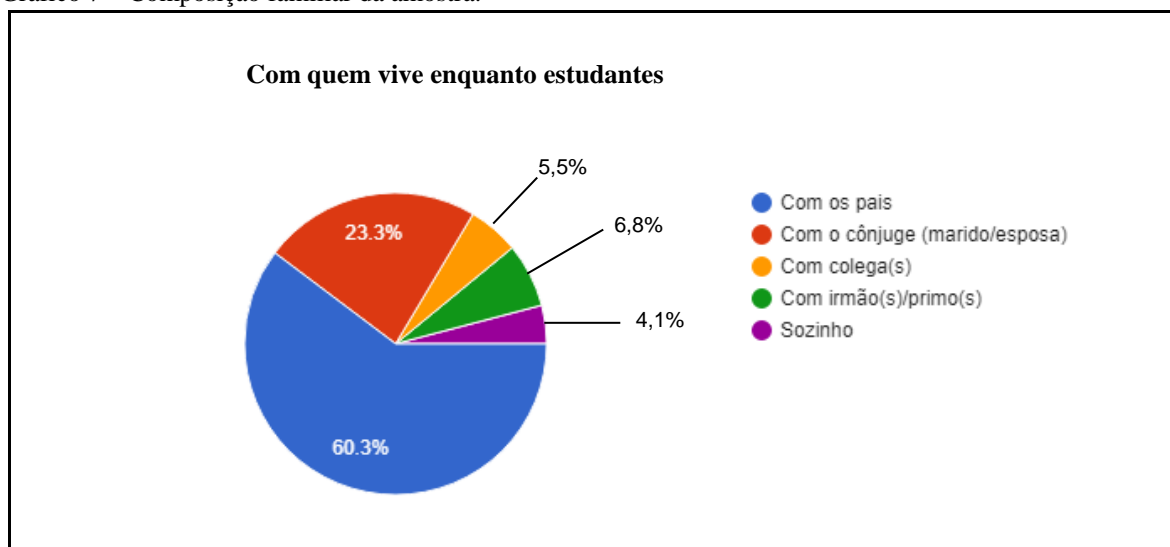


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

A maior parte da amostra estudada declarou ser solteira (71,2%), sendo seguida por pessoas que se declararam casadas (19,2%), conforme Gráfico 6. Estes resultados se alinham com a pesquisa do Enade (2015), denominada “Indicadores da Qualidade do Ensino Superior 2015”, que encontrou um maior percentual de solteiros entre os alunos que concluem o Ensino Superior no Brasil (68,9%).

No Gráfico 7, mostra-se os resultados relacionados à composição familiar.

Gráfico 7 – Composição familiar da amostra.

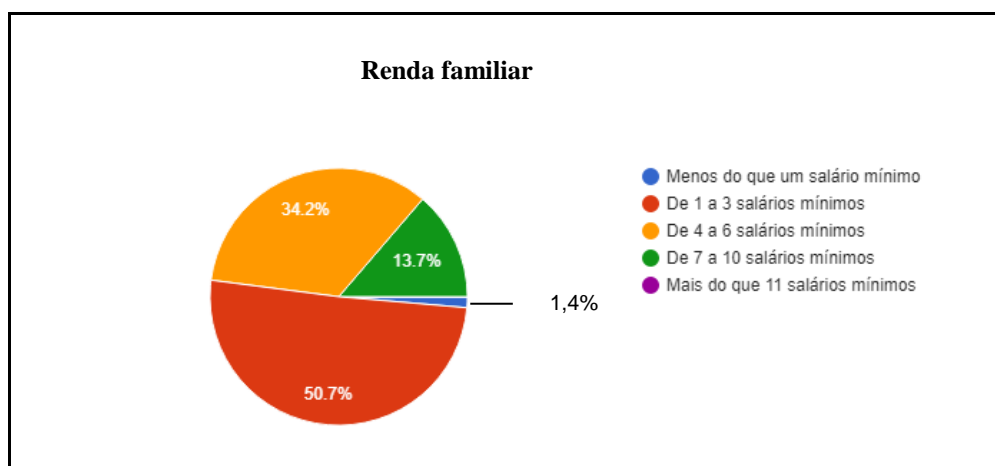


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Verificou-se que a maioria dos alunos vivem com os pais (60,3%), de acordo com o Gráfico 7. Este resultado foi bastante similar ao encontrado pela pesquisa do Enade (2015), que encontrou um percentual de 56,6% de alunos concluintes do Ensino Superior brasileiro que também vivem com os pais.

Com relação a renda familiar, os resultados aparecem no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Renda familiar da amostra.

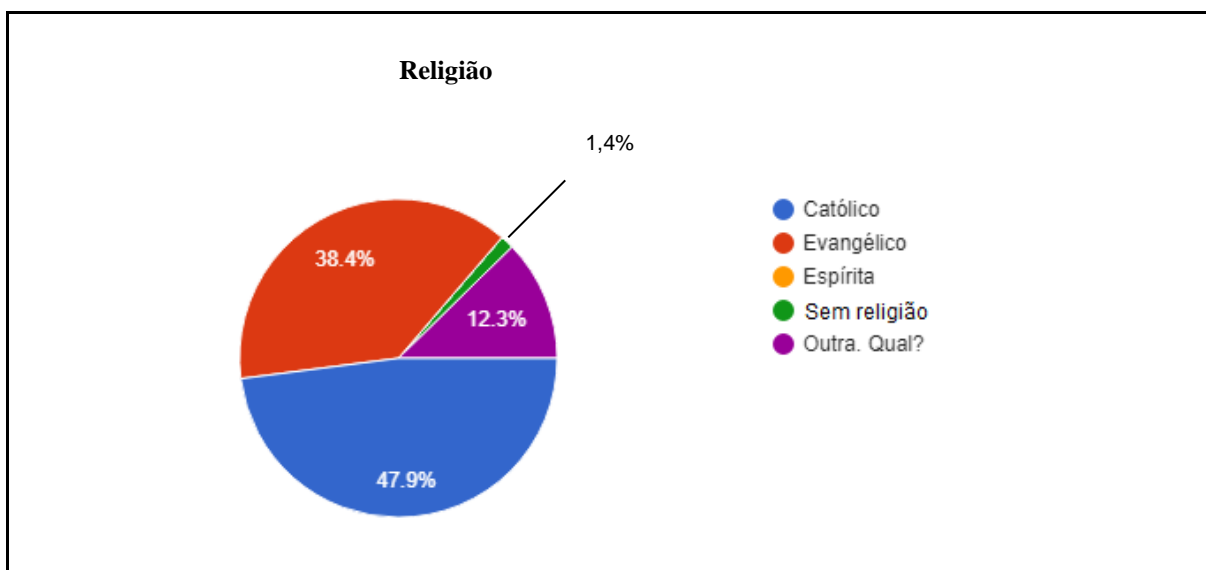


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

A maior parte da amostra declarou que possui uma renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (50,7%), seguida por pessoas que declararam uma renda familiar entre 4 e 6 salários mínimos (Gráfico 8). Conforme pesquisa do perfil do estudante do Ensino Superior no Brasil, o Enade (2015) confirmou que a renda familiar deste grupo varia entre 1,5 e 4,5 salários mínimos. Ainda, no ano seguinte, o Enade (2016) voltou a verificar que o estudante de ensino superior possui renda familiar de, no máximo, R\$ 2.640,00, ou seja, 2,7 salários mínimos. Estas informações corroboram com os resultados encontrados neste trabalho (Gráfico 8).

Segundo Kuchenbecker (2004), a palavra “religião” se origina do latim “*re-ligare*” que significa “religação” (juntamente ao divino), surgindo como um fenômeno generalizado e possuindo um caráter investigador e questionador, que, de acordo com Cunha e Steiner-Neto (2005), são traços importantes do comportamento empreendedor. No Gráfico 9, apresenta-se o perfil dos entrevistados quanto à religião.

Gráfico 9 – Crença religiosa da amostra.



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

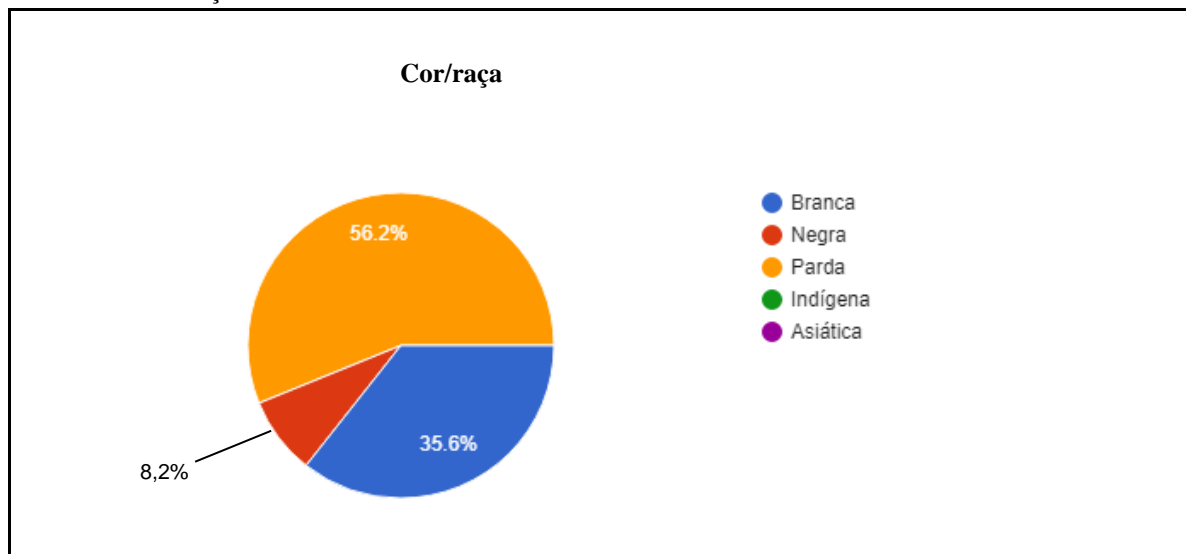
A religião católica predominou entre os indivíduos do estudo (47,9%), sendo seguida pela religião evangélica (38,4%), conforme Gráfico 9, demonstrando que a maioria dos indivíduos adotam uma ideologia religiosa. De acordo com o IBGE (2000), existe uma crescente proporção de evangélicos em relação à proporção de católicos no Brasil.

Tavares *et. al.* (2011) afirmam que a influência da religião na educação e no comportamento manifesta-se mediante uma sobreposição cultural de verdades universais e, muitas vezes, a depender das circunstâncias, interferindo na vida do indivíduo durante a formação social e intelectual, já que podem ocorrer limitações quanto aos valores de “certo” e “errado” pregados pela religião.

Sugere-se que a religião tenha influência sobre a percepção de mundo e de si, por meio da autoconfiança, do autocontrole e das ações no meio em que vive, podendo, inclusive, gerar uma estrutura emocional diferenciada no indivíduo para se impor nas atitudes tomadas em sua vida profissional.

Quanto a cor/raça, os alunos entrevistados aparecem em três categorias. Os resultados denotam que a maior parte é de cor parda (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Cor/raça da amostra.



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Os resultados denotam que a maior parte é da cor parda (56,2%), 35,6% de cor branca e 8,2% de cor negra (Gráfico 10). Os resultados foram em desconformidade à tendência dos estudos do IBGE (2016) que alegou haver mais brancos do que negros e pardos no ensino superior. Nesta pesquisa, ocorreu uma proporção de 64,4% de pessoas que se declararam de cor parda ou negra, enquanto 35,6% declararam-se da cor branca.

Esta realidade diverge da pesquisa do Enade (2015), que confirmou um maior percentual de alunos brancos entre os alunos que cursam o último semestre do Ensino Superior (59,90%), no entanto, os resultados apresentados nesta pesquisa concordam com as diretrizes e objetivos da política afirmativa de cotas para estudantes de origem afrodescendente no ensino superior (BRASIL, 2012).

4.2 Percepções do curso de ciências contábeis

Entender a responsabilidade do ensino acadêmico de nível superior para a formação do profissional no que tange à formação do seu próprio negócio foi um dos temas da

problemática desta pesquisa. Conforme observa-se na Tabela 1, foi realizada a tabulação e o cálculo do Ranking Médio (RM) das 9 afirmativas referentes ao Bloco B do questionário aplicado, no que concerne às percepções do Curso de Ciências Contábeis da UFPB pelos alunos.

Tabela 1 – Bloco B – Percepções do Curso de Ciências Contábeis.

Código	Questões	Frequência de sujeitos					
		1	2	3	4	5	RM
B.1	O meu curso de Ciências Contábeis me preparou para a abertura do meu próprio escritório.	26	19	19	5	3	2,1666
B.2	O meu curso de Ciências Contábeis é uma “porta de entrada” para que eu aprenda as atividades de um escritório de contabilidade através de estágios.	4	13	18	22	16	3,4520
B.3	A metodologia utilizada pelos professores do meu curso não está alinhada com a atividade empreendedora contábil após formado.	7	7	28	16	15	3,3424
B.4	Meu curso me informa constantemente de oportunidades de estágios em escritórios de contabilidade.	1	10	18	21	23	3,7534
B.5	Meu curso oferece total condição para a aprovação na prova do exame de suficiência do CFC.	2	6	18	23	24	3,8356
B.6	Acredito que o meu curso de Ciências Contábeis tenha um foco maior para quem pretenda ser professor ou se prepara para concursos públicos.	5	5	18	19	26	3,7671
B.7	Estágios em escritórios de contabilidade durante a graduação são imprescindíveis para abrir meu próprio escritório de contabilidade.	3	5	10	15	40	4,1506
B.8	A nota do ENADE reflete a preparação que o meu curso de Ciências Contábeis oferece para a abertura de um escritório de contabilidade.	15	23	27	4	2	2,3661
B.9	Ao longo do curso de Ciências Contábeis, procurei estágios que complementassem meu conhecimento para a abertura de um escritório contábil.	21	11	12	13	16	2,8904

Fonte: Resultados da pesquisa (2018).

Percebe-se que as afirmativas B.1 e B.8 apresentaram as maiores discordâncias com a afirmativa, indicando que os participantes não concordam que o curso de Ciências Contábeis da UFPB prepara o estudante para a abertura de um escritório contábil, assim como a nota do ENADE não tem relação com esta preparação. Segundo o IBGE (2016), os cursos de bacharelado correspondem a 69% das matrículas do ensino superior no Brasil, com um crescimento das matrículas de 74,9% entre 2006 e 2016. Ainda, constatou-se que o número de concluintes no grau de bacharelado obteve um aumento de 5,1% em 2016 com relação a 2015.

A afirmativa B.7 foi a que apresentou maior RM de concordância (4,1506), indicando que a amostra de alunos entende que os estágios durante a graduação são imprescindíveis para

adquirir conhecimentos que os ajudará na abertura de um escritório contábil. A sentença B.4 foi a que obteve maior RM em seguida (3,7534), indicando uma tendência de concordância para o reconhecimento da participação ativa do curso na divulgação de oportunidades de estágios. A sentença B.6 também recebe destaque com RM 3,7671, indicando uma tendência com viés de concordância na percepção de que o curso possui um maior foco para quem deseja ser professor ou se prepara para concursos públicos.

Os resultados encontrados nesta pesquisa, mediante as respostas emitidas para a sentença B.1, (RM 2,1666), demonstraram discordâncias diante da sentença: “O meu curso de Ciências Contábeis me preparou para a abertura do meu próprio escritório”, sugerindo que os alunos concluintes e egressos não atestam a plena capacidade do curso de Ciências Contábeis em formar contadores empresários (Tabela 1).

Estes resultados se alinham com os resultados encontrados por Araújo *et. al.* (2015) que demonstraram que os alunos concluintes do curso de Ciências Contábeis da UFPB apresentaram grau de concordância parcial ou de elevada neutralidade quando questionados se estavam aprendendo o conteúdo de forma satisfatória, assim como não demonstrando grau de concordância total ao serem interrogados se estavam adquirindo as competências necessárias para o mercado de trabalho. Ainda, ressalta-se que os discentes afirmaram, em sua maioria, que os conteúdos do currículo implementado pela Resolução N° 046/2006 da CONSEPE no Curso de Ciências Contábeis da UFPB não estavam alinhados com o mercado de trabalho.

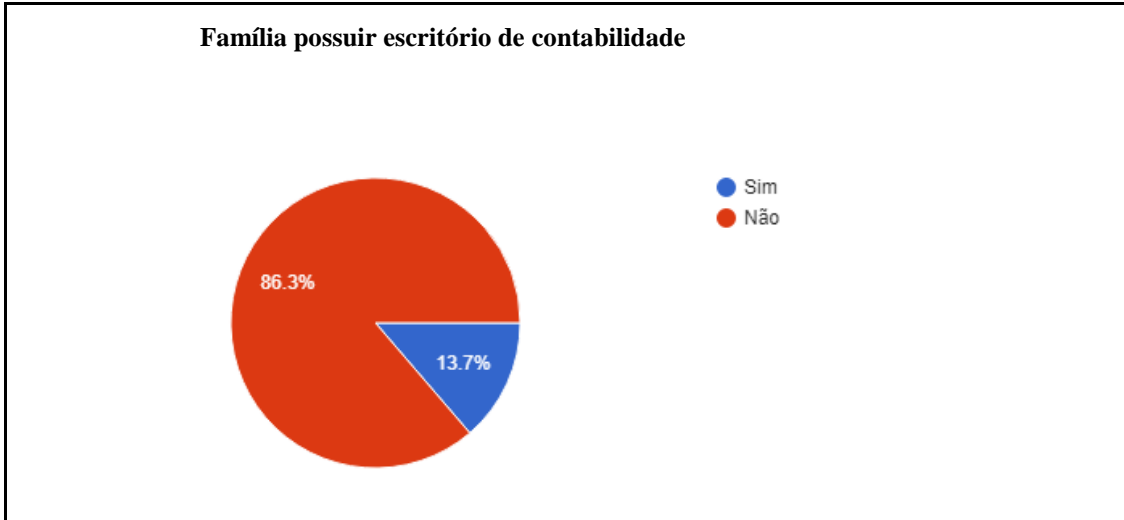
Mediante a análise das respostas obtidas neste bloco, destaca-se que, de acordo com a Tabela 1, a neutralidade das respostas da sentença B.9 (RM 2,8904) sugere uma indiferença ou falta de proatividade dos alunos em buscar estágios, mesmo diante da sua percepção de falhas na estrutura curricular do curso (B.1 e B.3) e do apoio da Coordenação do Curso na inserção do estudante no mercado de trabalho (conforme B.4). Esta realidade, inclusive, diverge das percepções dos alunos diante da importância dos estágios durante a formação acadêmica, de acordo com os resultados das sentenças de B.2 e B.7 (Tabela 1).

Ressalta-se a importância do Exame de Suficiência do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) como uma prova balizadora do conhecimento técnico-contábil dos alunos concluintes dos cursos de bacharelado do Brasil. O resultado obtido com a sentença B.5 (RM 3,8356) mostrou que os discentes concordaram ao serem questionados se o curso oferece total condição para a aprovação no Exame de Suficiência do CFC (Tabela 1). Paralelamente à percepção dos estudantes, a pesquisa de Mulatinho (2007), constatou que os docentes da UFPB também concordaram que o aumento da qualidade do profissional contábil no mercado de trabalho tem relação com a obrigatoriedade deste Exame.

4.3 Percepções do mercado de trabalho

No que concerne à percepção dos alunos a respeito do mercado de trabalho, os mesmos foram indagados sobre diversas questões destacadas no Bloco C.

Gráfico 11 – Proporção de alunos que possuem familiares com escritório contábil.

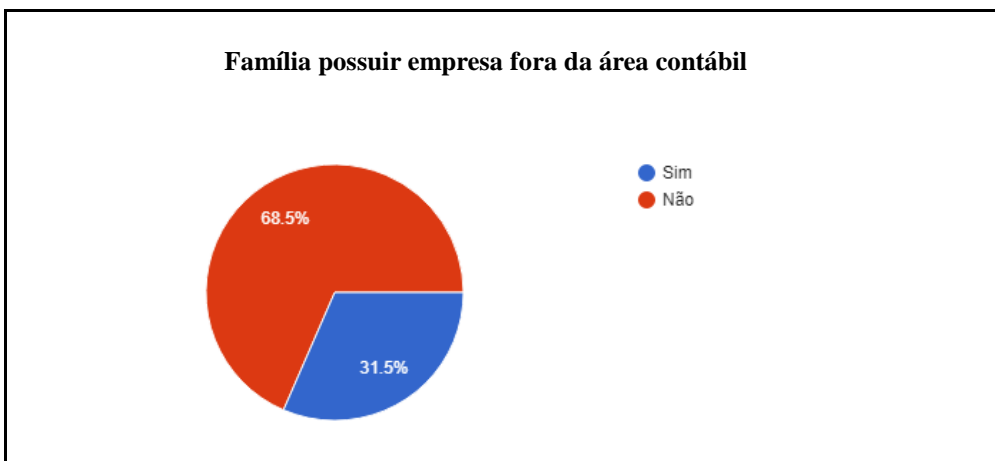


Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

De acordo com os resultados encontrados no questionário, verificou-se que a maior parte declarou não ter familiares que sejam proprietários de escritório contábil (86,3%), com uma menor parte (13,7%) declarando que a família era proprietária deste tipo de empreendimento (Gráfico 11).

Os alunos responderam, em sua maioria (68,5%), que não possuem familiares que fossem proprietários de empresas fora da área contábil, com uma menor parte afirmando possuir familiares empresários em demais segmentos de mercado (31,5%), conforme Gráfico 12.

Gráfico 12 – Proporção de alunos que possuem familiares com empresas fora da área contábil.



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

Ao realizar o levantamento do Ranking Médio (RM) das respostas do Bloco C nas questões 3 a 9 do questionário, constatou-se que as respostas atingiram escores com baixo nível de concordância no geral, variando entres muitas respostas com grau de discordância e neutralidade.

Tabela 2 – Bloco C – Percepções do Mercado de Trabalho.

Código	Questões	Frequência de Sujeitos					
		1	2	3	4	5	RM
C.3	Os estágios durante a graduação são suficientes para eu abrir o meu próprio escritório de contabilidade.	20	22	20	8	2	2,3055
C.4	Ao abrir meu escritório de contabilidade, buscarei apenas clientes de uma área específica.	30	14	18	6	5	2,2054
C.5	No meu primeiro ano como dono de escritório contábil, não aceitarei ficar em prejuízo.	28	17	15	7	6	2,2602
C.6	Pretendo abrir mais de um escritório de contabilidade.	42	12	12	5	2	1,8082
C.7	Pretendo conseguir clientes em várias cidades do estado.	26	2	20	14	10	2,7222
C.8	Pretendo buscar apoio em consultorias privadas ou com o SEBRAE antes de abrir meu escritório contábil.	10	6	25	15	16	3,2916
C.9	Pretendo buscar uma franquia de escritório contábil por me sentir mais seguro com o apoio oferecido nesta modalidade.	28	11	21	10	2	2,2638

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

A sentença C.6 obteve o maior índice de discordância (1,8082), diante da afirmativa “Pretendo abrir mais de um escritório de contabilidade”, sugerindo baixa perspectiva de expansão do negócio para outras localidades (Tabela 2).

Ainda no Bloco C, a sentença C.8 alcançou o maior RM (3,2916), sugerindo maior grau de neutralidade com viés de concordância ao serem questionados se pretendem buscar apoio em consultorias privadas ou com o SEBRAE antes de abrirem um escritório contábil. Este resultado se alinha com os resultados da sentença B.1 (RM 2,1666) e D.8 (3,6142), que indicaram maior percepção na falta de preparo técnico para a atividade empreendedora. No entanto, apesar da insegurança, os alunos não cogitaram aderir a uma franquia de escritório contábil, conforme RM de 2,2638 de C.9 (Tabela 2).

Segundo Araújo *et. al.* (2015), o discente do curso de Ciências Contábeis da UFPB relatou estar a par da responsabilidade do contador no auxílio da tomada de decisão das empresas, atuando diretamente no sucesso ou fracasso das entidades e que, para isto, tem o dever de ser prático, objetivo e atualizado acerca das normas, procedimentos e mudanças no cenário contábil.

As demais sentenças receberam respostas que variaram entre Ranking Médio de 2,2054 (C.4) a 2,7222 (C.7), sugerindo graus de discordância com viés de neutralidade. Estas respostas indicaram que os alunos não possuem a pretensão de se especializar em um determinado segmento de mercado (C.4) ou prospectar clientes em demais cidades do estado (C7).

Ao serem questionados se os estágios são suficientes para abrir um escritório de contabilidade (C.3), os alunos discordaram em sua maioria (RM 2,3055), indicando que, mesmo com a vivência de uma atividade extracurricular prática, ainda existem lacunas a serem suprimidas para a capacitação deste aluno em um profissional autônomo e empreendedor (Tabela 2).

Os resultados de C.5 (RM 2,2602) indicaram grau de discordância entre os alunos, diante da sentença “No meu primeiro ano como dono de escritório contábil, não aceitarei ficar em prejuízo”. Esta percepção se alinha com as perspectivas apresentadas pelo SEBRAE (2016) acerca da taxa de sobrevivência das empresas que demonstraram que 76,6% das empresas brasileiras com até 2 anos sobreviveram entre os anos de 2008 a 2012. Salienta-se que no Estado da Paraíba, as empresas do setor de serviços que sobreviveram com até 2 anos evoluíram de um patamar de 52,2% (2008) para 77,9% (2012).

4.4 Autopercepção de perfil de empreendedorismo

Os resultados sobre a autopercepção do perfil de empreendedorismo dos alunos demonstraram que a assertiva D.3 obteve o maior Ranking Médio (4,2191) entre as respostas, indicando alto índice de concordância para a sentença: “Sei lidar bem com pessoas e trabalhar em equipe” (Tabela 3).

Tabela 3 – Bloco D – Autopercepção de Perfil Empreendedor.

Código	Questões	Frequência de sujeitos					
		1	2	3	4	5	RM
D.1	Vejo a atividade empreendedora na área contábil como uma excelente oportunidade para mim.	10	11	19	13	20	3,3013
D.2	Considero-me empreendedor, proativo, inovador, organizado e responsável.	9	12	15	21	16	3,3150
D.3	Sei lidar bem com pessoas e trabalhar em equipe.	1	2	11	25	34	4,2191
D.4	Pretendo abrir um escritório de contabilidade com meu próprio dinheiro.	27	10	16	12	7	2,4722
D.5	Pretendo abrir um escritório de contabilidade em sociedade.	17	13	21	13	8	2,75
D.6	Vejo a figura do sócio como alguém que possa complementar meu conhecimento e contribuir para a evolução do escritório.	4	7	13	25	23	3,7777
D.7	Possuo um estilo de liderança que busca alinhar as competências individuais dos funcionários com a estratégia da empresa.	3	3	21	25	19	3,7605
D.8	Minha maior dificuldade em abrir um escritório contábil é o conhecimento prático da área.	7	12	8	17	26	3,6142

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa (2018).

A assertiva D.5 (RM 2,75) demonstrou um índice com viés de discordância diante da sentença “Pretendo abrir um escritório de contabilidade em sociedade”, o que sugere que os alunos não vislumbram empreender na área contábil em sociedade, demonstrando incoerência com os resultados das percepções da sentença D.6 (Tabela 3).

A maior parte dos alunos nesta pesquisa discordou da sentença D.4, ao ser questionado se pretendia abrir um escritório de contabilidade com seu próprio dinheiro (13 discordaram e 17 estudantes discordaram muito, com RM 2,4722), concordando com os resultados da pesquisa da Endeavor Brasil (2012), que mostrou que apenas 24,4% dos estudantes do ensino superior economizavam dinheiro para abrir seu próprio empreendimento,

As demais assertivas apresentaram um RM com viés de concordância, conforme Tabela 3. A sentença D.1, “Vejo a atividade empreendedora na área contábil como uma excelente oportunidade para mim”, apresentou índice de neutralidade com viés de concordância (RM 3,3013), com 20 respostas declarando que concordam muito com a declaração. Para Rosa (2017), os fatores que levam alguém a se tornar um empreendedor do ramo contábil são: a autonomia proativa, a persistência e o empenho, procurando empreender por vontade e não por necessidade. No entanto, o lado negativo seria separar o lado profissional do lado pessoal, diante das demandas e oportunidades que venham a surgir.

As sentenças D.2 e D.7 abordaram características de liderança e empreendedorismo. Ao serem questionados se se consideram empreendedores, proativos, inovadores, organizados e responsáveis, a maior parte dos alunos responderam que concordam com essa alternativa (D.2 – RM 3,3150), assim como também a maior parte concordou em possuir um estilo de liderança que busque alinhar as competências individuais dos funcionários com a estratégia da empresa (D.7 – RM 3,7605). Este estilo de liderança liberal procura se adequar ao perfil do indivíduo ou do grupo liderado, de modo a evitar eventuais conflitos e potencializar os talentos do capital intelectual da empresa (CHIAVENATO, 2003; SOBRAL, 2008).

A figura do sócio foi questionada na sentença D.6. Nesta assertiva, a maior parte dos alunos concordaram (RM 3,7777) que o sócio surge como um importante parceiro no complemento do conhecimento técnico e na evolução do empreendimento. Este resultado se alinha com o resultado encontrado na sentença D.8, na qual a maior parte dos alunos afirmam que a maior dificuldade em abrir um escritório contábil é o conhecimento prático da área (RM 3,6142). Salienta-se os resultados de Araújo *et. al.* (2015) que afirmaram em sua pesquisa que os alunos concluintes do curso de Ciências Contábeis da UFPB não se sentiam confiantes em atuar no setor público e sentiam-se com baixo conhecimento das normas contábeis nacionais e internacionais para atuar no mercado de trabalho, corroborando com os resultados da sentença D.8.

5 CONCLUSÕES

Buscou-se neste trabalho levantar o perfil dos estudantes egressos e concluintes do curso de bacharelado em Ciências Contábeis da UFPB, de modo a perceber quais os motivos que os levariam por optar pela atividade empreendedora como uma oportunidade.

Araújo *et al.* (2015), em sua pesquisa analisando o currículo da Resolução N° 46/2006 do CONSEPE, chegaram à conclusão de que a estrutura curricular oferecida durante a graduação não proporcionava a segurança ou o conhecimento necessário para atuar no setor público ou no setor privado. Estes autores também identificaram que os estudantes não se interessavam por atividades extracurriculares. Ainda, similarmente aos resultados de Araújo *et al.* (2015), esta pesquisa também identificou lacunas entre os alunos estudados no que tange à correlação entre a preparação oferecida pela estrutura curricular contida na Resolução do CONSEPE N° 46/2006 e as exigências do mercado de trabalho.

O que se percebe é o desalinhamento entre as diretrizes da academia e as exigências do mercado de trabalho, predominantemente, gerando profissionais insuficientemente preparados, parcialmente frustrados e refém de outras fontes extracurriculares de aprendizado para ingressar no mercado de trabalho e se tornar um profissional empreendedor completo e competente na área empresarial contábil, como trabalhador autônomo. Paralelamente a isto, o que também se nota neste evento é a falsa percepção do aluno em vislumbrar a academia como um ambiente de plena conversão do estágio de aprendiz para o nível de profissional completo, o que se torna um engodo, uma vez que este é um processo contínuo muito além dos quatro a cinco anos oferecidos pela estrutura curricular (ROSA, 2017).

De acordo com os resultados, o Curso de Ciências Contábeis da UFPB oferece o “CHA do Conhecimento” (PARRY, 1996) para a atividade empreendedora de forma superficial (fator extrínseco), cabendo ao aluno ser proativo e possuir atitude para buscar se capacitar com atividades extracurriculares, como estágios, palestras, congressos e cursos de capacitação. Contudo, esta postura não foi observada na amostra estudada, conforme resultados da sentença B.1, B.9, C.3 e D.8. De acordo com Parry (1996), cabe ao aluno a busca de um maior **conhecimento** para aumentar suas **habilidades** e garantir maior segurança em suas **atitudes** (fator intrínseco).

Portanto, ao que se refere o item anterior, sugere-se pesquisas mais aprofundadas, de modo a verificar se realmente os estágios durante a graduação são insuficientes para o egresso abrir seu próprio escritório de contabilidade. Uma hipótese seria baseada na Teoria da Agência (CHIAVENATO, 2005), diante do conflito de interesses, no qual o contratante não pretende

criar concorrentes, mas funcionários limitados a certas áreas contábeis, de modo a torná-los dependentes do escritório ao qual atuam.

A partir deste ponto de vista, exaltando os fatores intrínsecos da personalidade empreendedora (FRESE, 2010; CAETANO *et al.*, 2012), mais uma vez, cabe ao estudante ter a atitude de não se limitar a apenas um estágio para obter o conhecimento necessário e iniciar sua própria carreira empreendedora. O aluno deve ter a maturidade de perceber quais as lacunas do seu treinamento e, diante de suas fraquezas de aprendizado, estabelecer o plano de ação pessoal mais adequado para dirimi-las e obter a segurança necessária no intuito de oferecer aos seus futuros clientes um serviço diferenciado e de qualidade.

Concomitante a esta realidade, inclui-se a corresponsabilidade da Instituição de Ensino Superior que possui a missão de centro de formação de profissionais e que, através de suas frágeis diretrizes no plano estratégico-pedagógico em consonância com as necessidades do mercado de trabalho, corre o risco de se tornar um mero centro de informação, fugindo de seu papel na sociedade. Atualmente, esta lacuna vem sendo suprimida desnecessariamente por políticas educacionais alternativas, através dos cursos de tecnologia, que formam profissionais de nível superior com o título de tecnólogo e correspondem a 11,8% de todas as matrículas universitárias, conforme o último Censo do Ensino Superior (IBGE, 2016). De acordo com o Parecer Técnico CNE/CES N° 436/2001, a presença destes cursos visa a atender as necessidades de oferta de trabalho do mercado com melhores custos e prazos, voltados para as áreas tecnológicas entre outras (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001).

Contudo, salienta-se que a própria legislação mencionada preconiza o empreendedorismo como um de seus objetivos, inclusive em áreas de gestão e comercial (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002). Na visão deste autor, este papel cabe aos cursos de bacharelado que, ao não se adequarem à realidade de mercado, sofrem a implementação de políticas públicas educacionais desnecessárias. A consequência é a evasão de recursos financeiros e projetos para outras IES na própria esfera Federal (Institutos Federais), a criação desnecessária de novos títulos acadêmicos (Tecnólogo) e profissões de nível superior que se tornam redundantes com os cursos de bacharelado já existentes, tudo isto levando a um colapso da relação entre demanda de trabalho e oferta de emprego pela falta de alinhamento de um Plano Pedagógico Unificado de cursos de nível superior que, de fato, atendam às reais necessidades do cenário de trabalho brasileiro.

Nesta perspectiva, uma característica importante da Contabilidade, como profissão, é que ela propicia ao profissional abrir seu próprio escritório e, assim, possuir total autonomia

de sua profissão. Diante desta possibilidade, incentivar e investir em propostas como as Empresas Juniores de Contabilidade demonstram-se como uma excelente alternativa para suprir as lacunas limitantes da estrutura curricular do curso no que diz respeito ao desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e atitudes dos estudantes para o seu aperfeiçoamento técnico e comportamental para a atividade empreendedora. Para tanto, são necessários constantes empenhos dos professores, técnicos, alunos, gestores e de toda a comunidade acadêmica para manter e implementar a melhoria contínua de propostas como esta. Projetos como estes estariam corroborando com os fatores extrínsecos que viabilizariam as condições e as oportunidades necessárias de formação do aluno no campo do empreendedorismo, em consonância com a percepção dos discente (D.1, Tabela 3).

No empreendedorismo, nota-se uma questão dialética entre “o saber e o fazer”, “a teoria e a prática”, “os estudos de caso e a própria experiência”, “a tomada de decisão baseada em pesquisa e estatística e a tomada de decisão intuitiva”. Estes embates pragmáticos e ideológicos levam ao questionamento da **fórmula cognitiva ideal de um empreendedor** e que, muitas vezes, causa uma cobrança maior de si mesmo, principalmente, em um público que teve maior acesso à educação e à informação, que nem sempre se traduz em formação, e, eventualmente, podendo causar maiores receios no ato de empreender, pela percepção interna de obrigatoriamente obter sucesso devido à sua trajetória de vida, atendendo às suas próprias expectativas e às expectativas de uma sociedade que enxerga no diploma um reflexo de capacitação plena.

Conclui-se, portanto, que a questão-chave desta pesquisa conduz, como alternativa paliativa, a gestão de carreira autônoma pelo estudante como forma de suprir as falhas encontradas no processo de graduação de bacharelado. O aluno deve perceber que cabe ao seu autoconhecimento, enquanto aprendiz de profissional e potencial empreendedor, avaliar e equilibrar as suas necessidades de conhecimento, “*mentoring*” e “*coaching*”, juntamente com as atitudes que o perfil de um empreendedor exige para que sua maturidade técnica e profissional seja, por fim, alcançada.

Apesar das dificuldades de escassez de tempo e de certa resistência do público-alvo em participar da pesquisa, considerou-se que o projeto, de forma geral, obteve sucesso na consecução dos seus objetivos.

Por fim, sugere-se que outras pesquisas do tipo sejam realizadas com o novo currículo implementado no curso de Ciências Contábeis da UFPB, de modo a obter as novas percepções dos alunos a respeito do alinhamento da estrutura curricular com o que é exigido para o mercado de trabalho, sobretudo para a atividade empreendedora. Incentiva-se também

pesquisas qualitativas mais aprimoradas a respeito da percepção psicológica e estratégica da relação entre contratantes de programas de estágio e alunos que aderem a estes estágios, bem como das estratégias utilizadas pelos estudantes para embasar e gerir a sua carreira. Sugere-se que a ampliação das Parcerias Público-Privadas, sobretudo com outros escritórios de contabilidade, em projetos que alinhem o conhecimento técnico e as necessidades do mercado seja o caminho para a adequação e resiliência da academia perante a realidade do mercado de trabalho.

Espera-se que esta pesquisa sirva de base para outros trabalhos do gênero, bem como seja um documento útil para a Coordenação e o Departamento do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis da UFPB, visando à adoção de ações para que a estrutura curricular esteja plenamente adaptada para a formação de profissionais com excelência para o mercado de trabalho local e nacional.

REFERÊNCIAS

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.
- ARAÚJO, V. D. S.; SANTOS, D. G. D.; CAVALCANTE, P. R. N.; BARBOSA, E. T. Academic formation in accounting sciences and its relationship with the labor market: the perception of the accounting sciences' students of a higher education federal institution. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 5, n. 1, p. 123-139, 2015.
- BAFFI, M. A. T. **Projeto pedagógico**: um estudo introdutório. In: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2003.
- BORGES, C.; FILION, L. J.; SIMARD, G. Jovens empreendedores e o processo de criação de empresas. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 9, n. 8, p. 39-63, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000800004&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000800004>.
- BRASIL. Lei N° 1.401, de 31 de junho de 1951. Inclui, no curso de ciências econômicas, a cadeira de história econômica geral e do Brasil, e desdobra o curso de ciências contábeis e atuariais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, jun 1951. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1401-31-julho-1951-375767-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 03 ago 2018.
- BRASIL. Lei N° 3.835, de 13 de dezembro de 1960. Federaliza a Universidade da Paraíba e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, DF, dez 1960. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3835-13-dezembro-1960-354392-norma-pl.html>>. Acesso em 03 ago 2018.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Institui as Diretrizes Nacionais Curriculares para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Resolução CNE/CES n. 10, de 16 de dezembro de 2004. **Conselho Nacional de Educação** – Câmara de Educação Superior. Legislação Republicana Brasileira. Brasília, 2004.
- BRASIL. Lei N° 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, ago 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em 01 ago de 2018.
- CAETANO, A.; SANTOS, S. C.; COSTA, S. F. **Psicologia do empreendedorismo**: processos, oportunidades e competências. Editora Mundos Sociais: Lisboa, 2012.
- CARDOSO, A. F. Migrações internacionais: os blocos regionais e a mobilidade mundial de mão-de-obra. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 112-124, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392002000200013>.

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Profissionais ativos nos conselhos regionais de contabilidade - 28/11/2015**. Vice-Presidência de Registro, Coordenadoria de Registro. 2015. Disponível em: <<http://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConselhoRegionalAtivo.aspx>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Educação Superior. **Parecer CNE/CES n. 436/2001**, aprovado em 02/04/2001. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 abr. 2001. Seção 1E, p. 67.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP n. 3**, de 18 de dezembro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de Tecnologia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2002, Seção 1, p. 162.

CUNHA, R. A. N.; STEINER-NETO, P. J. **Desenvolvendo empreendedores: o desafio da universidade do século XXI**. In: XI Seminário Latino Iberoamericano de Gestión Tecnológica. Salvador: 2005.

DESLANDES, S. F. **A construção do projeto de pesquisa**. Minayo, Maria Cecília (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso: 2ª ed.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2008.

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DE ESTUDANTES. **ENADE**. Indicadores de qualidade da educação superior 2015. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Ministério da Educação. Brasília, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior-20-1/21206>. Acesso em 21 ago 2018.

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DE ESTUDANTE. **ENADE**. Senso da educação superior no Brasil 2016. Notas Estatísticas. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Ministério da Educação. Brasília, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206>. Acesso em 25 ago 2018.

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA PARAÍBA. **Resolução N° 30**, de 30 de outubro de 1953, João Pessoa, 1953.

FRESE, M. Rumo a uma psicologia do empreendedorismo: uma perspectiva da teoria da ação. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1 n. 2, p. 40-76, jul/dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/58/57>>. Acesso em 06 out 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GLOBO, O. Sociedade. **Educação. Censo 2010**: 10,8% dos universitários estão cursando a segunda graduação. Lauro Neto. Rio de Janeiro, 2012.

GOMEZ-ARAUJO, E.; BAYON, M. C. Fatores socioculturais e o empreendedorismo dos jovens nas regiões rurais. **Rev. bras. gest. neg.**, São Paulo, v. 19, n. 64, p. 200-218, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-48922017000200200&lng=en&nrm=iso>. Access on 15 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.7819/rbgn.v0i0.2695>.

HANSENNE, M. **Psicologia da personalidade**. Lisboa: Climepsi, 2003.

HASHIMOTO, M. **Atividade empreendedora no Brasil**. Portal Administradores. 2013. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/atividade-empreendedora-no-brasil/44324/>>. Acesso em: 06 out 2018.

HISRICH, R. D. **Entrepreneurship, and Venture Capital**. Ed. Robert D. Hisrich Lexington, MA: Lexington Books, 1986.

HISRICH, R. D., PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Pesquisa nacional por amostra de domicílios. **Censo demográfico 2000**. Brasília, 2000. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9771&t=notas-tecnicas>>. Acesso em 27 ago 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Série Estudos e Pesquisas**: estatísticas de empreendedorismo 2013. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pb&tema=est_empreendedorismo2013>. Acesso em: 28 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Notas Estatísticas**. Censo da Educação Superior 2016. Brasília, 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso em 09 ago 2018.

KOYAMA, C. M.; DA SILVA, D. C.; OLIVEIRA, C. R. **O perfil do profissional contábil e as diretrizes de uma nova grade curricular**. Revista de Estudos Contábeis, v. 1, n. 1, p. 57-76, 2010.

KUCHENBECKER, V. **O homem e o sagrado**. Canoas, 8ª. edição Ed. da Ulbra, 2004.

LI, D. L. **O novo ENEM e a plataforma SISU**: efeitos sobre a migração e evasão estudantil. Dissertação (Mestrado em Ciências. Programa de Pós-graduação em Economia do Departamento de Economia da Faculdade de Economia de Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-23112016-094256/publico/CorrigidaDenise.pdf>>. Acesso em 09 ago 2018.

LIMA, J. A. A.; LEITE-FILHO, C. A. P. Uma perspectiva psicológica do empreendedorismo. V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. – EGEPE.

Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresa, São Paulo, 2008. ISSN 1518-4382. Disponível em: <http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/saopaulo/109_trabalho.pdf>. Acesso em 06 out 2018.

McCLELLAND, D. C. **Teoria da motivação**. São Paulo: Pioneira, 1987.

MARTENS, C. D. P.; FREITAS, H. A Influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes de Curso Superior: uma Avaliação a partir da Percepção dos Alunos. **XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**, Gramado - RS, 17 a 20 out, 2006. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ENN138.pdf>>. Acesso em 01 out 2018.

MULATINHO, C. E. S. **Educação contábil**: um estudo comparativo das grades curriculares e da percepção dos docentes dos cursos de graduação das Universidades Federais da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande Norte, referentes ao Programa Mundial de Estudos em Contabilidade proposto pelo ISAR/UNCTAD/ONU. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis). Programa Multiinstitucional e Inter-regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília, da Universidade Federal da Paraíba, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Pernambuco (UnB, UFPE, UFRN, UFPB). Recife, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2700/1/Dissert_Caio%20Eduardo%20Mulatinho.pdf>. Acesso em 03 ago 2018.

PARRY, S. B. The quest for competencies. **Training**, July, 1996.

RICARDO, V. S. *et. al.* Bacharelado em Ciências Contábeis nas universidades federais brasileiras: uma análise discriminante de sua formação social e técnica. In: **IV Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis-AdCont 2013**. 2014.

RICCA, J. L. **Sebrae**: o jovem empreendedor. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 69-75, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000200004>.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, L. R. **Perfil empreendedor do profissional contábil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis). Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta. 2017. Disponível em: https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/12/PERFIL-EMPREENDEDOR-DO-PROFISSIONAL-CONT_BIL.pdf. Acesso em 03 jul 2018.

SABRA, M. A. R.; ALVES, A. T.; NEGREIROS, M. C. V. Contabilidade e empreendedorismo: de que forma o empreendedorismo pode ajudar na valorização profissional do contador? **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 7, n. 7, Mar. 2018, p. 503-512. Disponível em: <<http://fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/empreendedorismo/volume7/20.pdf>>. Acesso em 06 out 2018.

SALGADO, J. A cultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 193-204, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532013000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-25532013000200015>.

SANTOS, D. G. **Formação acadêmica em ciências contábeis e sua relação com o mercado de trabalho**: a percepção dos alunos de ciências contábeis da UFPB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2066/1/DGS12092017.pdf> . Acesso em 24 jul 2018.

SARTORELLI, J. B; CARVALHO, M. S. L. **Princípios de liderança e gestão de equipes**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 13, n. 3, art. 6, p. 450-467, Jul./Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v13n3/v13n3a07> . Acesso em 15 set 2018.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEBRAE. SERVIÇO APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Relatório de Gestão do exercício de 2015**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PB/Anexos/RELATORIO-DE-GESTAO-2015.pdf>. Acesso em: 13 set 2018.

SEBRAE. SERVIÇO APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf> . Acesso em: 18 set 2018.

SEBRAE. SERVIÇO APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo 2017. Global Entrepreneurship Monitor. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf>. Acesso em: 18 set 2018.

SILVA, T. G. **Qualidade de vida no trabalho: estudo de caso em empresas juniores de João Pessoa com base no inventário de avaliação de QVT**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). João Pessoa, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2435/1/TGS26092017.pdf>>. Acesso em: 06 out 2018.

SOBRAL, F.; PECI, A. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Prentice Hall, 2008.

SOUZA, M. M.; MORAES, A. F. O.; NASCIMENTO, J. P. B.; SILVEIRA, P. R.; SOARES, K. G. R. O comportamento empreendedor dos contabilistas: um estudo exploratório. **Gestão e**

Tecnologia para a Competitividade. X Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Resende, Rio de Janeiro, 23 a 25 out 2013.

TANNENBAUM, R.; SCHMIDT, W. H. **Como escolher um padrão de liderança.** In: Coleção Harvard de Administração. v. 5. São Paulo: Abril, 1986.

TAVARES, S. *et. al.* Pluralidade cultural: a influência da religião na sociedade e na educação escolar. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 16 - Nº 158 - Jul de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd158/a-influencia-da-religiao-na-educacao-escolar.htm>>. Acesso em 27 ago 2018.

TORRES-CORONAS, T.; VIDAL-BLASCO, M. O papel da inteligência emocional (traço) na previsão do comportamento em rede. **Rev. bras. gest. neg.**, São Paulo , v. 19, n. 63, p. 30-47, Mar. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-48922017000100030&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.7819/rbgn.v0i0.3127>.

UFPB. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. **Portal do curso de graduação em ciências contábeis.** SIGAA. STI – Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB. 2018. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/secao_extra.jsf?lc=pt_BR&id=1626694&extra=58153480>. Acesso em 28 jul 2018.

YU, A. S. O., Coord. **Tomada de decisão nas organizações:** uma visão multidisciplinar. Saraiva: São Paulo, 2011.

ANEXO A

ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

COMPOSIÇÃO CURRICULAR
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Modalidade: Bacharelado

1. Conteúdos Básicos Profissionais			
1.1 Conteúdos Básicos Profissionais			
Disciplinas	Créditos	Carga Horária	Pré-requisitos
Português Instrumental	04	60	
Introdução à Sociologia	04	60	
Administração I	04	60	
Administração Financeira	04	60	Administração I
Instituição ao Direito Público e Privado	04	60	
Legislação Social, Trabalhista e Previdenciária	04	60	
Direito Tributário	04	60	
Direito Empresarial	04	60	
Economia I	04	60	
Mercado Financeiro e de Capitais	04	60	
Matemática I	04	60	
Matemática Financeira	04	60	Matemática I
Estatística	04	60	
História do Pensamento Contábil	04	60	
Contabilidade I	04	60	
Contabilidade II	04	60	Contabilidade I
Contabilidade III	04	60	Contabilidade II
Contabilidade IV	04	60	Contabilidade III
Contabilidade Internacional	04	60	
Contabilidade Pública	04	60	
Contabilidade de Custos	04	60	
Métodos Quantitativos Aplicados à Contabilidade	04	60	
Contabilidade Gerencial	04	60	
Princípio de Computação	04	60	
Total	96	1.440	
1.2 Estágio Curricular			
Laboratório I	16	240	
Laboratório II	16	240	Laboratório I
Total	32	480	
Total (1.1 + 1.2)	128	1.920	
2. Conteúdos Complementares			
2.1 Conteúdos Complementares Obrigatórios			
Pesquisa Aplicada à Contabilidade	04	60	
Metodologia do Trabalho Científico	04	60	
Trabalho de Conclusão de Curso	04	60	Metodologia do Trabalho Científico
Ética Geral e Profissional	04	60	
Teoria da Contabilidade	04	60	
Análise das Demonstrações Contábeis	04	60	
Análise de Custos	04	60	
Auditoria Contábil	04	60	
Controladoria Organizacional	04	60	
Perícia e Arbitragem Contábil	04	60	

Sistemas de Informações Contábeis	04	60	
Total	44	660	
2.1 Conteúdos Complementares Optativos (Mínimo de 16 créditos/240 horas)			
Introdução à Filosofia	04	60	
Introdução à Psicologia	04	60	
Auditoria Contábil II	04	60	
Chefia e Liderança	04	60	
Gestão Contábil	04	60	
Contabilidade Social	04	60	
Contabilidade Rural	04	60	
Contabilidade Atuarial	04	60	
Contabilidade Hospitalar	04	60	
Contabilidade Estratégica	04	60	
Contabilidade da Construção Civil	04	60	
Contabilidade de Hotelaria e Restaurantes	04	60	
Contabilidade Tributária	04	60	
Contabilidade para Organizações do Terciário	04	60	
Consultoria em Contabilidade	04	60	
Inglês I	04	60	
Inglês II	04	60	
Espanhol I	04	60	
Espanhol II	04	60	
Administração Mercadológica	04	60	
Fundamentos de Análise de Investimentos	04	60	
Economia II	04	60	
Orçamento e Finanças Governamental	04	60	
Orçamento Empresarial e Planejamento Estratégico	04	60	
Economia das Organizações	04	60	
2.3 Conteúdos Complementares Flexíveis (Mínimo de 04 créditos/ 60 horas)			
Temas Especiais em Contabilidade	04	60	
Total	04	60	
Total (2.1+2.2+2.3)	64	960	
Total	192	2.880	

Fonte: Resolução N° 46/2006 CONSEPE, UFPB, 2006 *apud* Santos, 2014.

APÊNDICE A

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
Departamento de Finanças e Contabilidade

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

João Pessoa, 20 de junho de 2018.

Prezado (a) colaborador (a),

Este questionário tem o intuito levantar o perfil do estudante concluinte e egresso do curso de bacharelado em Ciências Contábeis de uma Instituição Pública de Ensino Superior no que tange à atividade empreendedora e os fatores intrínsecos e extrínsecos que os levam a se interessar por esta área.

Esta pesquisa faz parte da metodologia do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal da Paraíba, do aluno Flávio Luis Guedes dos Santos (Matrícula 11403339), intitulada “**UMA ANÁLISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DO ALUNO DO CURSO DE CONTABILIDADE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**“, orientada pela professora Dr^a. Valdineide Santos Araújo.

Com o questionário a seguir, o entrevistado opinará se concorda ou discorda da afirmação, definindo o grau de concordância e marcando um “X” na alternativa mais adequada. Lembrando que as alternativas em "Escala Likert" correspondem a "concordo muito" na opção 5, "concordo" na opção 4, "indiferente" na opção 3, "discordo" na opção 2 e "discordo muito" na opção 1. É imprescindível que o entrevistado responda todas as questões para uma análise de dados mais precisa.

Ressalta-se que os dados fornecidos por intermédio deste questionário serão usados com a única finalidade desta pesquisa. Os dados e opiniões pessoais recolhidos através de questionário serão omitidos para quaisquer outros fins. Para tanto, pedimos, cordialmente, que você, colaborador, assine abaixo, consentindo com a obtenção destes dados.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Na certeza da colaboração, agradecemos por sua participação neste trabalho.

Atenciosamente,

Flávio Luis Guedes dos Santos
Bacharelado em Ciências Contábeis

Prof^a. Dr^a. Valdineide dos Santos Araújo
Professora-orientadora

APENDICE B

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
Departamento de Finanças e Contabilidade

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem o intuito levantar o perfil do estudante concluinte e egresso do curso de bacharelado em Ciências Contábeis de uma Instituição Pública de Ensino Superior no que tange à atividade empreendedora e os fatores intrínsecos e extrínsecos que os levam a se interessar por esta área.

Suas respostas são muito importantes para esta pesquisa.

Não é necessário identificar-se.

Agradeço pela sua valiosa participação.

BLOCO A – INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

A.1. Qual gênero de nascimento?

- Masculino
 Feminino

A.2. Qual sua naturalidade (cidade de nascimento)? _____

A.3. Qual das seguintes categorias de idade é a sua?

- 17 – 20
 21 – 29
 30 – 39
 40 – 49
 50 – 59
 60 ou maior

A.4. Qual seu nível de educação?

- Graduação Incompleta (concluinte)
 Graduação Completa (já formado). Qual? _____
 Especialização/MBA. Qual? _____
 Mestrado ou superior. Qual? _____

A.5. Qual das seguintes categorias descreve melhor a sua situação de trabalho?

- Empregado do setor privado
 Empregado do setor público (concurado)
 Empregado do setor público (comissionado)
 Estagiário do setor privado
 Estagiário do setor público
 Desempregado, buscado emprego, estágio ou trainee
 Desempregado e estudando para concurso público
 Desempregado, sem buscar atividade remunerada

A.6. Estado civil?

- Solteiro
 Casado
 União Estável
 Divorciado
 Viúvo

A.7. Com quem vive?

- Com os pais
 Com cônjuge (marido/esposa)
 Com colega (s)
 Com irmão (s)/primo (s)
 Sozinho

A.8. Qual a renda familiar?

- Menos que um salário mínimo
 De 1 a 3 salários mínimos
 De 4 a 6 salários mínimos
 De 7 a 10 salários mínimos
 Mais que 11 salários mínimos

A.9. Religião?

- Católico
 Evangélico
 Espírita
 Sem religião
 Outra. Qual? _____

A.10. Qual a sua cor/raça?

- Branca
 Negra
 Parda
 Indígena
 Asiática

BLOCO B – PERCEPÇÕES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Os blocos a seguir estão no formato de Escala Likert, correspondendo a "**concordo muito**" na opção 5, "**concordo**" na opção 4, "**indiferente**" na opção 3, "**discordo**" na opção 2 e "**discordo muito**" na opção 1.

B.1. O curso de Ciências Contábeis me preparou para a abertura de um escritório contábil.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.2. O meu curso de Ciências Contábeis é uma "porta de entrada" para que eu aprenda as atividades de um escritório de contabilidade através de estágios.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.3 A metodologia utilizada pelos professores do meu curso não está alinhada com a atividade empreendedora contábil após formado.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.4. Meu curso me informa constantemente de oportunidades de estágios em escritórios de contabilidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.5. Meu curso oferece total condição para a aprovação na prova do exame de suficiência do CFC.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.6. Acredito que o meu curso de Ciências Contábeis tenha um foco maior para quem pretenda ser professor ou se prepara para concursos públicos.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.7. Estágios em escritórios de contabilidade durante a graduação são imprescindíveis para abrir meu próprio escritório de contabilidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.8. A nota do ENADE reflete a preparação que o meu curso de Ciências Contábeis oferece para a abertura de um escritório de contabilidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

B.9. Ao longo do curso de Ciências Contábeis, procurei estágios que complementassem meu conhecimento para a abertura de um escritório contábil.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

BLOCO C – PERCEPÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO

C.1 Minha família possui escritório de contabilidade.

() Sim

() Não

C.2 Minha família possui empresa fora da área contábil.

() Sim

() Não

C.3. Os estágios durante a graduação são suficientes para eu abrir o meu próprio escritório de contabilidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.4. Ao abrir meu escritório de contabilidade, buscarei apenas clientes de uma área específica.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.5. No meu primeiro ano como dono de escritório contábil não aceitarei ficar em prejuízo.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.6. Pretendo abrir mais de um escritório de contabilidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.7. Pretendo conseguir clientes em várias cidades do estado.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.8. Pretendo buscar apoio em consultorias privadas ou com o SEBRAE antes de abrir meu escritório contábil.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

C.9. Pretendo buscar uma franquia de escritório contábil por me sentir mais seguro com o apoio oferecido nesta modalidade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

BLOCO D – AUTOPERCEPÇÃO DE PERFIL DE EMPREENDEDORISMO

D.1. Vejo a atividade empreendedora na área contábil como uma excelente oportunidade para mim.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.2. Considero-me empreendedor, proativo, inovador, organizado e responsável.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.3. Sei lidar bem com pessoas e trabalhar em equipe.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.4. Pretendo abrir um escritório de contabilidade com meu próprio dinheiro.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.5. Pretendo abrir um escritório de contabilidade em sociedade.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.6. Vejo a figura do sócio como alguém que possa complementar meu conhecimento e contribuir para a evolução do escritório.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

D.7. Posso um estilo de liderança que busca alinhar as competências individuais dos funcionários com a estratégia da empresa.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---